PLACAR

Abril
7 893614 111629
ED.1457 NOV 2019 R$ 16,00

Por que o futebol foi proibido para mulheres por 38 anos?
Uma história de perseguições, resistência e heroínas

Copa da França 2019
O torneio e o ano da virada

Melhores do mundo
As top 10 brasileiras e estrangeiras

Marta
Por que ela é a melhor de todos os tempos

+

SUCESSO
FERROVIÁRIA CAMPEÃ BRASILEIRA E O CORINTHIANS INVENCÍVEL, CAMPEÃO DA LIBERTADORES

ENTREVISTA
CRISTIANE, A CRAQUE DO SÃO PAULO

Dossiê do futebol

FEMININO

Edição especial traz raio X da modalidade no Brasil e no mundo e mostra as perspectivas

SUMÁRIO

UM ANO MELHOR PARA O FUTEBOL FEMININO

Quase no fim do ano, podemos concluir que 2019 foi um dos melhores para o futebol feminino no mundo – e isso, claro, inclui o Brasil. O mundial disputado na França (na foto, as americanas comemoram a conquista) acendeu o interesse pela modalidade. A Copa bateu recordes de audiência e o espaço ocupado na mídia cresceu muito, despertando interesse para as demais competições na Europa, na América do Sul e em nosso país. O Campeonato Brasileiro ganhou impulso, embora ainda as mulheres convivam com menos estrutura e condições de igualdade para praticar o futebol. Ainda assim, houve avanços. Com regras específicas e obrigatoriedade aos clubes, equipes permanentes são mantidas por aqui. E nossa seleção vive um processo de renovação, especialmente com a chegada da treinadora sueca Pia Sundhage. Na mídia, as jornalistas assumem mais protagonismo e não somente na segmentação da categoria feminina, com destaque para Ana Thaís Matos, da TV Globo. Placar aos poucos vai corrigindo seus erros do passado na abordagem sobre as mulheres no futebol. Na edição de julho, inclusive, num editorial, escrevi um pedido de perdão às mulheres por nosso passado machista. Depois, comentado em seu blog por Juca Kfouri, nosso mais icônico ex-diretor de redação, o pedido ganhou uma correção do mestre. Escrevi que nossa abordagem era "quase sempre sexista e objetificava as mulheres". Juca, que assinou embaixo o pedido, me disse: não era quase, era sempre. Tem razão, Juca, era sempre. Então reforço aqui, com esta edição, nosso pedido de perdão às mulheres. Boa leitura!

Ricardo Corrêa - Editor

PARCERIAS DE PLACAR NESTA EDIÇÃO

PLANETA FUTEBOL FEMININO é um projeto informativo que cobre a modalidade no Brasil e no mundo. Com oito anos na internet, o PFF procura, além de informar periodicamente, ajudar na divulgação do futebol praticado por mulheres nos campos, nas quadras e na areia. Nesta edição, a repórter Duany Khydac colaborou com a gente na matéria sobre a Rainha Marta.
www.planetafutebolfeminino.com.br

#JOGAMIGA é um projeto de futebol para mulheres com treinos sem fins lucrativos, o Portal JogaMiga e o Mapa do Futebol Feminino. Há três anos oferecem treinos com aulas de futebol para mulheres, notícias, análises e dados históricos da modalidade, além de uma ferramenta colaborativa que une mulheres a times amadores de todo o país. Nayara Perone, Kamila Villarreal, Bruna Didario e Maria Guimarães colaboraram na matéria sobre a Copa de 2019.
www.jogamiga.com.br

ELAS NO ATAQUE é um blog especializado em esporte feminino. O espaço se propõe a colocar as mulheres em protagonismo, sejam elas atletas, árbitras ou torcedoras. Feito pelas jornalistas Maíra Nunes e Maria Eduarda Cardim, completou dois anos na França, em meio à Copa do Mundo de maior repercussão da história, com entrevistas, histórias e análises publicadas em textos, vídeos e podcasts. As duas colaboraram com a Placar na lista das melhores jogadoras do mundo na atualidade.
blogs.correiobraziliense.com.br/elasnoataque/

JOGADELAS é uma organização de cunho jornalístico-analítico que promove o trabalho das mulheres no esporte. O espaço foi criado para produzir conteúdos de qualidade e livremente. Seu slogan é: "O futebol sob o propósito feminino". É uma plataforma que analisa e critica jogos, administrações e condições gerais do meio. Gabriela Nolasco colaborou com as entrevistas de Tamires (Corinthians) e Rosana (Ferroviária).
www.jogadelas.com

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fábio Carvalho

PLACAR

Colaboraram nesta edição:
Ricardo Corrêa e Rodolfo Rodrigues (editores), L.E. Ratto (arte), Alexandre Battibugli (foto), Mariana Luchesi, Sérgio Quintella e Tadeu Inácio (reportagem) e Renato Bacci (revisão)
CTI: André Luiz e Marisa Tomas
www.placar.com.br

PUBLICIDADE Yuri Aizemberg (Diretor de Relacionamento com o Mercado), Daniela Serafim (Financeiro, Mobilidade, Tecnologia, Telecom, Saúde e Serviços), Renato Mascarenhas (Alimentos, Bebidas, Beleza, Educação, Higiene, Imobiliário, Decoração, Moda e Mídia & Entretenimento, Turismo e Varejo), William Hagopian (Regionais) **OPERAÇÕES** Adriana Favilla **ATENDIMENTO E CANAIS DE VENDAS** Luci Silva **MARKETING DE MARCAS, EVENTOS E VÍDEO** Andrea Abelleira **AUDIÊNCIA DIGITAL** Isabela Sperandio **PRODUTOS E PLATAFORMAS** Guilherme Valente **PROJETOS ESPECIAIS E ABRIL BRANDED CONTENT** Yuri Aizemberg e Ivan Padilla **DEDOC E ABRILPRESS** Adriana Kazan

Redação e Correspondência: Av. Otaviano Alves de Lima, 4.400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP, tel. (11) 3037-2000. Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

PLACAR 1457 (789 3614 11162 9), ano 49, é uma publicação mensal da Editora Abril. Edições anteriores: Ligue para 0800 777-3022 ou solicite ao seu jornaleiro pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. PLACAR não admite publicidade redacional.

Serviço ao assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112 Demais localidades: 0800-7752112 www.abrilsac.com Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2145 Demais localidades: 0800-7752145
www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA ABRIL GRÁFICA Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP

www.grupoabril.com.br

A RAINHA MARTA

MAIOR ARTILHEIRA DA SELEÇÃO BRASILEIRA E DA HISTÓRIA DAS COPAS DO MUNDO E SEIS VEZES ELEITA A MELHOR JOGADORA DO MUNDO, MARTA VIROU REFERÊNCIA NO FUTEBOL FEMININO E É DE LONGE A MAIOR DO MUNDO EM TODOS OS TEMPOS

Por Duany Khydac
Planeta Futebol Feminino

Imagine uma atleta com nove títulos nacionais, três copas nacionais, duas copas continentais, sendo uma Champions League e uma Libertadores da América, seis supercopas, dois ouros em Pan-Americanos, duas pratas olímpicas e um vice em uma Copa do Mundo. E não fica por aí. Individualmente foi artilheira de uma Copa, seis vezes artilheira de campeonatos nacionais, maior artilheira da seleção do seu país, maior artilheira das Copas do Mundo femininas e seis vezes eleita melhor jogadora do mundo.

Todas essas informações retratam um pouco do que é a carreira da Marta Vieira da Silva, 33 anos, natural de Dois Riachos (AL). Entre títulos individuais e coletivos, Marta coleciona recordes e atuações espetaculares, que a colocam no posto de maior jogadora da história do futebol feminino. Uma jogadora tão vitoriosa e que ainda assim é cobrada por títulos.

Entender como Marta se tornou sinônimo de genialidade é fácil. Muito jovem, a atleta deixou o Brasil e foi buscar na Suécia seu espaço para jogar. O país é um dos melhores para se praticar futebol feminino e virou referência na modalidade quando se tornou a casa da rainha. Contextualizando, imagine que a Marta saiu do Brasileirão e foi jogar na Premier League. Guardada todas as proporções e alguns detalhes, foi isso que aconteceu em 2004. E logo em sua chegada, Marta conquistou a UWCL, a Champions League Feminina, pelo Umea, clube que defendeu entre 2004 e 2009. Foi jogando na Suécia que a Rainha construiu sua hegemonia na eleição de melhor jogadora do mundo, conquistando cinco títulos seguidos, além de levar para casa outros títulos coletivos e individuais, como quatro campeonatos nacionais, uma copa e uma supercopa sueca, além da artilharia do Campeonato Sueco três vezes.

Podemos mudar o país, mas os números de Marta vão seguir impressionando. Na WPS, Liga de Futebol Feminino Norte-Americana (hoje extinta e substituída pela NWSL), foram dois títulos e a artilharia nas duas participações. Jogando pelo Santos, a Rainha conquistou a Copa do Brasil e a Libertadores, e quando retornou para a Suécia, seguiu levantando taças.

O que mais impressiona, porém, é perceber como Marta cresce em jogos decisivos. A seleção que mais sofreu gols da craque em Copas do Mundo foi a dos Estados Unidos, e todas as partidas aconteceram em fase mata-mata. Um dos gols mais famosos do futebol mundial foi marcado na Copa do Mundo realizada na China, em 2007. Na semifinal, na goleada de 4 x 0 sobre os Estados Unidos, Marta recebeu de costas, deu uma puxada, já driblando e entortando a adversária, passou por mais uma marcadora e bateu firme, mostrando sua genialidade na forma mais refinada possível. "Gooooool de gênio! De gênio!!! Não há palavras para descrever o gol de Marta", gritava Luciano do Valle em sua emocionante narração na época.

Marta também é uma das maiores artilheiras da história da UWCL, com 46 gols, e demonstrou que seu talento não tem fronteiras. Campeã pelo Umea e vice-campeã pelo Tyreso (marcando dois gols na final), a história da brasileira também foi construída na maior competição interclubes do mundo.

O reinado de Marta não se limita aos campos. Fora deles a rainha é embaixadora da ONU e tem imensa participação em campanhas de empoderamento feminino. Seus discursos buscam a valorização da modalidade, o respeito com as atletas e mulheres que torcem pelo crescimento da modalidade. Marta é caso de sucesso no marketing esportivo, é de longe a jogadora mais conhecida no Brasil e conquista a simpatia até daqueles que resistem ao futebol feminino.

Hoje, com 33 anos, Marta começa o ciclo natural de qualquer atleta. Seu corpo já não responde com tanta facilidade, as jogadas não fluem como antes, mas ela corre como uma novata. Ao final de cada partida, Marta está exausta, vai ao seu extremo e se doa como pode. Quando não se sobressai pela técnica, a craque contribui com raça e dedicação, duas outras grandes qualidades da jogadora. Quando os dois lados estão em conexão perfeita, somos brindados com jogadas geniais e gols com a assinatura da rainha.

A equação que torna Marta esse fenômeno ganha um componente decisivo e injusto. Mesmo com todas essas conquistas, com tudo que ela representa para o futebol mundial, Marta ainda lamenta não ter conseguido o que para ela seria seu maior título: a medalha de ouro olímpica. Em diversas entrevistas, ela afirmou que trocaria todas as conquistas por essa medalha, que na sua visão mudaria a história da modalidade no país.

Fato é que hoje muitos brasileiros só conhecem o futebol feminino porque uma menina franzina saiu do interior de Alagoas para encantar o mundo, e essa é, sem dúvida, a maior contribuição que ela poderia ofertar. Seus gols e sua humildade fizeram de Marta a maior da história, sem espaço para contestação. Que a Copa um dia tenha a honra de fazer parte dessa imensa lista de conquistas, o mundo e a Marta merecem.

Números da Rainha

MARTA VIEIRA DA SILVA

19/2/1986, 33 anos
Dois Riachos (AL)
1,63 m

CLUBES

Vasco (00-02), Santa Cruz-MG (02-04), Umea-SUE (04-09), Los Angeles Sol-EUA (09 e 10), Santos (09, 10 e 11), FC Gold Pride-EUA (10), New York Flash-EUA (11), Tyreso-SUE (12-14), Rosengard-SUE (14-17) e Orlando Pride-EUA (desde 17)

Total de jogos e gols em clubes
235 JOGOS / 162 GOLS

Seleção brasileira (2002-2019)
133 JOGOS / 110 GOLS
maior artilheira

COPAS DO MUNDO (maior artilheira)

Ano	Jogos	Gols
2003	4	3
2007 vice-campeã e artilheira	6	7
2011	4	4
2015	3	1
2019	3	2
Total	20	17

OLIMPÍADAS

Ano	Jogos	Gols
2004 medalha de prata	6	3
2008 medalha de prata	6	3
2012	4	2
2016	6	2
Total	22	10

TÍTULOS

- Jogos Pan-Americanos (2003 e 2007)
- Copa Libertadores (2009)
- Liga dos Campeões da Europa (2004)
- Copa América (2003, 2010 e 2018)
- Copa do Brasil (2009)
- Campeonato Sueco (2005, 2006, 2007, 2008, 2012, 2014 e 2015)
- Copa da Suécia (2007 e 2016)
- Liga Norte-Americana (2010 e 2011)
- Campeonato Carioca (2000)

BOLA DE OURO DA FIFA

2006, 2007, 2008, 2009, 2010 e 2018

AS ESTRELAS DA ATUALIDADE

QUATRO MESES APÓS UMA COPA DO MUNDO QUE EVIDENCIOU TALENTOS DE VÁRIOS PAÍSES E COLOCOU O FUTEBOL FEMININO EM OUTRO PATAMAR, REUNIMOS OS PRINCIPAIS NOMES DA MODALIDADE NO BRASIL E NO MUNDO. O JÁ ULTRAPASSADO TABU DE QUE "MULHER NÃO SABE JOGAR BOLA" FICOU PARA TRÁS E CADA VEZ MAIS PODEMOS VER JOGADORAS MAIS COMPLETAS E JOGANDO O FINO DA BOLA

Por Maíra Nunes e Maria Eduarda Cardim, do blog Elas no Ataque

BRASILEIRAS

MARTA

33 ANOS, ORLANDO PRIDE (ESTADOS UNIDOS)

Marta dispensa apresentações. Principal jogadora da história, a seis vezes melhor do mundo segue como principal referência da seleção brasileira aos 33 anos. A camisa 10 do Brasil se tornou a maior artilheira de todas as Copas do Mundo, entre homens e mulheres, ao chegar a 17 gols na França. Desde 2017, atua no Orlando Pride, dos Estados Unidos. Também é muito lembrada na Suécia, onde jogou por dez anos. Com duas pratas olímpicas (Atenas-2004 e Pequim-2008) e um vice-campeonato mundial em 2007, o principal desafio será o inédito ouro na Olimpíada de Tóquio-2020.

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

ESTRELAS DA ATUALIDADE

FORMIGA
41 ANOS, PARIS SAINT-GERMAIN (FRANÇA)

Miraildes Maciel Mota é um ícone do futebol. Formiga é a única jogadora presente em todas as Olimpíadas desde que o futebol feminino foi inserido nos Jogos, em 1996. Também é recordista em participações na Copa do Mundo. Ora como meia, ora como volante, segue jogando em alto nível e fez jus ao posto de titular no sétimo mundial que disputou. Muito técnica, com preparo físico merecedor de estudos e visão de jogo ampla, tem duas pratas olímpicas (Atenas-2004 e Pequim-2008) e chegou à final do mundial de 2007. Provavelmente estará na Olimpíada de 2020.

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

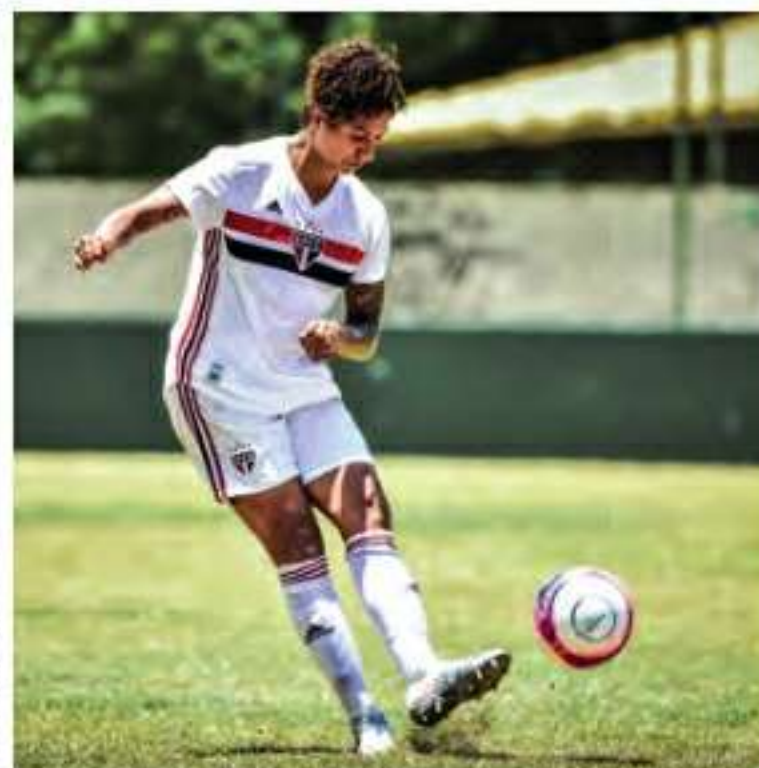
© DIVULGAÇÃO

ANDRESSA ALVES
26 ANOS, ROMA (ITÁLIA)

Muito habilidosa, a meia-atacante disputou os Jogos Olímpicos do Rio-2016 e chegou a sua segunda Copa do Mundo, na França, como uma das principais peças de transição da defesa para o ataque da seleção brasileira. Jogadora do Barcelona de 2016 a 2019, Andressa Alves ajudou o clube catalão a chegar a sua primeira final na Liga dos Campeões, neste ano. Apesar de viver um dos melhores momentos da carreira, uma lesão muscular na coxa esquerda a tirou do mundial no terceiro jogo da primeira fase.

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

TAMIRES
32 ANOS, CORINTHIANS (BRASIL)

Entre as principais jogadoras que atuam no Brasil, Tamires joga tanto na lateral esquerda, como de costume na seleção brasileira, quanto de meia aberta, como é frequentemente usada nos clubes por onde passa. Versátil e habilidosa, ficou marcada pelo drible desconcertante que deu por debaixo das pernas de uma australiana num jogo na Copa do Mundo da França. Atuou por quatro anos no Fortuna Hjørring, da Dinamarca, e voltou ao futebol brasileiro como reforço do Corinthians após o mundial.

© DIVULGAÇÃO

CRISTIANE
34 ANOS, SÃO PAULO (BRASIL)

A centroavante de 1,76 m é a maior artilheira do futebol em Jogos Olímpicos, independentemente de gênero. A marca de 14 gols foi atingida na edição do Rio-2016. Habilidosa e com muita força física, Cristiane tem uma canhota poderosa e a cabeçada como uma das principais armas do poderio ofensivo. Experiente, passou por 15 clubes e voltou a atuar no Brasil, pelo São Paulo, após jogar os últimos quatro anos no futebol francês e no chinês.

© DIVULGAÇÃO

DEBINHA

28 ANOS, NORTH CAROLINA COURAGE (ESTADOS UNIDOS)

A atacante de 1,57 m atua como ponta esquerda e tem velocidade e habilidade para desestabilizar qualquer defesa. Revelada pelo São Caetano, Debinha se destacou nas ligas norueguesa e chinesa antes de ir jogar na liga americana, pelo North Caroline Courage, em 2017. E, coincidência ou não, o clube conquistou o título nacional no ano seguinte à chegada dela. Na seleção brasileira desde 2011, disputou a Olimpíada do Rio-2016 e a Copa do Mundo da França, em 2019.

© DIVULGAÇÃO

ANDRESSINHA

24 ANOS, PORTLAND THORNS FC (ESTADOS UNIDOS)

Uma meio-campista talentosa que chama a atenção da seleção brasileira desde os 14 anos, quando integrou a equipe nacional sub-17 pela primeira vez. Aos 17 anos, estreou com a amarelinha na categoria adulta, pela qual disputou duas Copas do Mundo, em 2015 e 2019, e os Jogos Olímpicos do Rio-2016. Pelo Portland Thorns, foi vice-campeã da Liga Nacional norte-americana em 2018 e defendeu o Iranduba por empréstimo na Libertadores de 2018.

© DIVULGAÇÃO

THAÍSA

30 ANOS, CD TACÓN/REAL MADRID (ESPANHA)

A meia da seleção brasileira tem experiência de sobra no campo. Além de se destacar no lado defensivo, Thaísa ajuda no ataque. Foi contratada pelo Tacón, time feminino do Real Madrid, pelo desempenho no Mundial da França. Antes, fez parte do primeiro time feminino da história do Milan e foi a primeira brasileira a atuar na equipe. Com o time italiano, conquistou o terceiro lugar do Campeonato Italiano.

© DIVULGAÇÃO

VICTÓRIA ALBUQUERQUE

21 ANOS, CORINTHIANS (BRASIL)

Habilidade, visão de jogo e lançamentos precisos fazem de Victória uma das principais promessas do futebol brasileiro. A meia, que chegou no início de 2019 como reserva do Corinthians, assumiu protagonismo no time e foi convocada duas vezes por Pia Sundhage para integrar a seleção brasileira. Com oito gols em 18 jogos, ficou entre as dez artilheiras do Campeonato Brasileiro, que terminou com o Corinthians como vice-campeão.

ALINE MILENE

25 ANOS, FERROVIÁRIA (BRASIL)

É um dos pilares da Ferroviária, atual campeã brasileira. Chegou como reforço do time após defender o Baylor University, dos Estados Unidos, de 2015 a 2018. Marcou quatro gols nos cinco jogos disputados com o time de Araraquara na Libertadores 2019, campanha que rendeu a classificação à final do torneio continental, em Quito, no Equador. Recentemente, apareceu mais uma vez na lista de convocadas da seleção brasileira e disputará o Torneio Internacional da China em novembro.

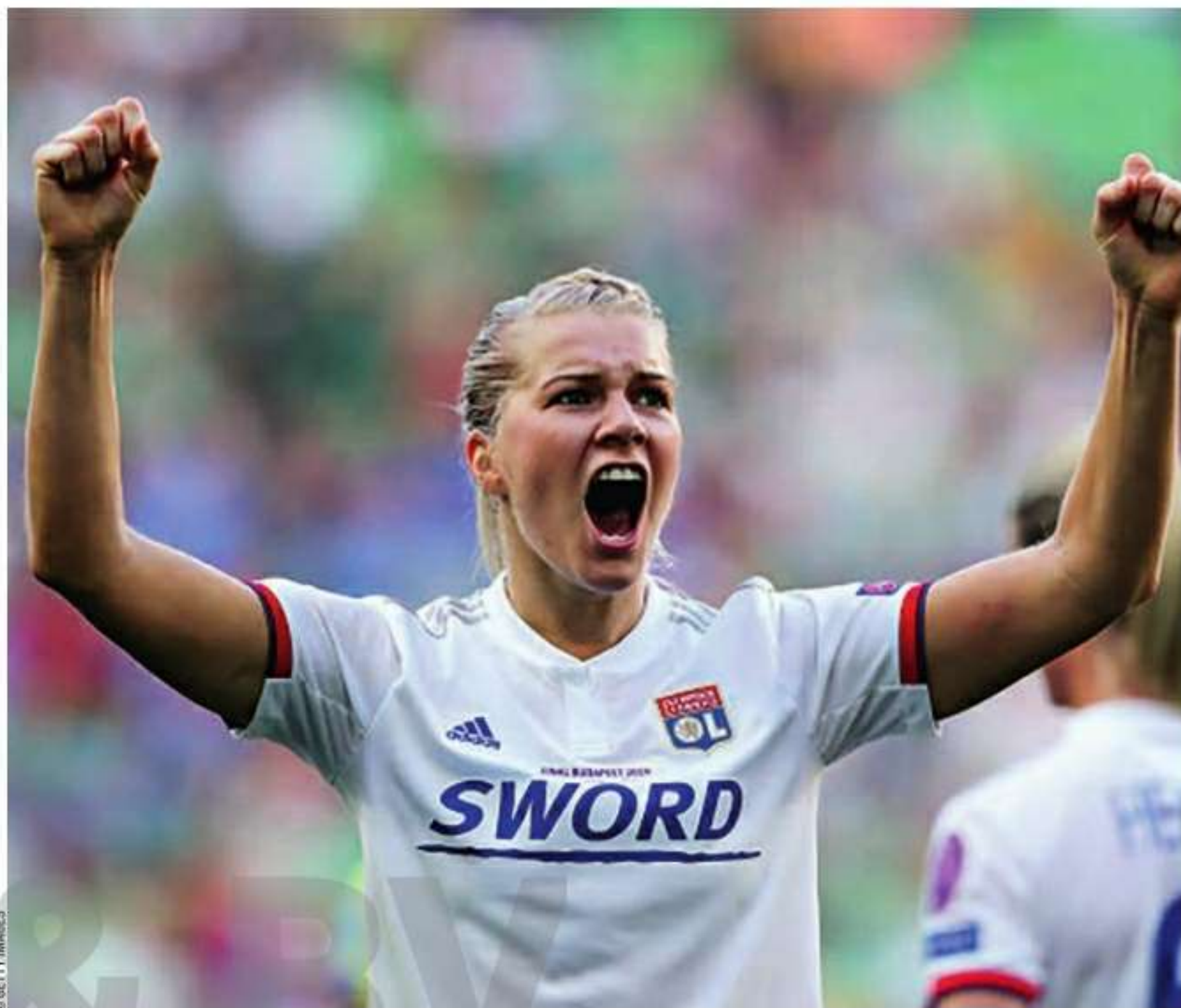
© ALEXANDRE BATTIBUGLI

ESTRANGEIRAS

© GETTY IMAGES

ADA HEGERBERG

24 ANOS, NORUEGA
LYON (FRANÇA)

Vencedora da primeira Bola de Ouro feminina da história, em 2018, a jovem norueguesa Ada Hegerberg já provou que joga muita bola. No mesmo ano em que ganhou o prêmio, Ada venceu a Liga dos Campeões pela terceira vez e foi a artilheira da competição. A atacante do Lyon foi a primeira jogadora na história da competição a marcar 15 gols em uma temporada. Fora de campo, Ada também dá show ao lutar pelos direitos das mulheres. Foi justamente por isso que deixou de jogar a Copa do Mundo da França. A norueguesa, que está afastada da seleção por decisão própria desde 2017, se recusou a integrar a equipe como forma de protesto. Em 2019, não recuou da decisão mesmo podendo ser uma das protagonistas da Copa da França.

© BPA

MEGAN RAPINOE

34 ANOS, ESTADOS UNIDOS
SEATTLE REIGN FC (ESTADOS UNIDOS)

Foi o grande nome da Copa da França. A capitã americana se mostrou decisiva na fase eliminatória da competição. Nas oitavas e nas quartas de final, os gols saíram dos seus pés. Foi a Chuteira de Ouro e também eleita a craque do mundial. Fora de campo, também brilhou. Defendeu a causa LGBT e se silenciou no hino americano em forma de protesto. Rapinoe consagrou a bela Copa que fez ao ganhar o prêmio de melhor jogadora do mundo pela primeira vez nesse ano.

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

ALEX MORGAN

30 ANOS, ESTADOS UNIDOS
ORLANDO PRIDE (ESTADOS UNIDOS)

Um dos principais nomes da seleção norte-americana, Alex Morgan tem no currículo dois títulos mundiais, um ouro na Olimpíada e uma Liga dos Campeões, da época em que atuou pelo Lyon. Pelo desempenho na última Copa, onde marcou seis gols, Morgan foi indicada ao prêmio de melhor do mundo da Fifa, mas perdeu para a compatriota Megan Rapinoe. Recentemente, a atleta anunciou que está grávida de uma menina.

© BPA

VIVIANNE MIEDEMA

23 ANOS, HOLANDA
ARSENAL (INGLATERRA)

É a maior artilheira da história da seleção holandesa, tanto feminina quanto masculina, com mais gols inclusive que Robin van Persie e Arjen Robben. Miedema chegou a 63 gols com a camisa da Laranja Mecânica na Copa do Mundo da França ao marcar três gols na campanha que resultou no vice-campeonato mundial da seleção holandesa.

© NIKE

© FIFA

SAM KERR
26 ANOS, AUSTRÁLIA
CHICAGO RED STARS (ESTADOS UNIDOS)

A pouca idade não diminui a exitosa carreira da jogadora do Chicago Red Stars, que na temporada de 2018 marcou 16 gols em 20 jogos disputados pela equipe americana. Aos 26 anos, Kerr já disputou três Copas do Mundo. Na última edição, na França, marcou cinco gols em quatro partidas. Contra a Jamaica, a capitã marcou quatro deles e se tornou a primeira australiana a protagonizar um hat-trick na Copa do Mundo. Recentemente, foi indicada ao prêmio de Bola de Ouro.

ELLEN WHITE
30 ANOS, INGLATERRA
MANCHESTER CITY (INGLATERRA)

A experiente jogadora inglesa brilhou na Copa do Mundo de 2019. Ela saiu da França com o quarto lugar e foi artilheira da competição, com seis gols, ao lado de Megan Rapinoe e Alex Morgan. Junto com a seleção desde 2010, White soma 88 partidas internacionais com o time e participou de campanhas importantes, como a conquista do bronze na Copa do Mundo de 2015. Este ano, deixou o Birmingham City para se juntar ao elenco do Manchester City.

AMANDINE HENRY
30 ANOS, FRANÇA
LYON (FRANÇA)

Carrasca do Brasil na eliminação diante da França na Copa do Mundo, a volante e capitã da seleção francesa foi a autora do gol que rendeu a vitória para as anfitriãs diante das brasileiras nas oitavas de final. A jogadora é referência na armação tanto da seleção francesa quanto do clube mais vitorioso do futebol feminino, o Lyon, na França. São seis títulos da Liga dos Campeões, sendo que os últimos quatro foram consecutivos.

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

© FIFA

LUCY BRONZE
28 ANOS, INGLATERRA
LYON (FRANÇA)

É soberana na lateral direita da Inglaterra, a ponto de o técnico da equipe, Phil Neville, apontá-la como uma das melhores jogadoras da atualidade. Uma das peças mais importantes da seleção inglesa, Lucy Bronze cumpre bem o apoio ao ataque e consegue voltar para reforçar a defesa. No Lyon, ela acaba assumindo papel de equilíbrio entre tantas estrelas. Com o clube, tornou-se bicampeã europeia, em 2018 e 2019.

WENDIE RENARD
29 ANOS, FRANÇA
LYON (FRANÇA)

A zagueira com faro de gol também foi um dos destaques da Copa do Mundo da França. Dentro de casa, a jogadora marcou quatro gols em cinco partidas disputadas no torneio. Renard ajudou o time a chegar até as quartas de final, quando perdeu para os Estados Unidos. Fora da seleção, Renard tem uma grande carreira no Lyon. Ao todo, até agora foram seis títulos da Liga dos Campeões feminina com a equipe francesa.

CHRISTIANE ENDLER
28 ANOS, CHILE
PARIS SAINT-GERMAIN (FRANÇA)

Indicada ao prêmio de melhor goleira do mundo este ano, Endler se destacou na Copa do Mundo e foi um dos pilares defensivos da seleção chilena. Ela foi escolhida como melhor jogadora da partida na derrota diante dos Estados Unidos. Também foi considerada a melhor goleira do Campeonato Francês na última temporada e foi eleita por quatro vezes a melhor jogadora chilena do ano. A goleira tem uma escola de futebol para incentivar mulheres a praticarem a modalidade. ⓟ

ONDE A BOLA ROLA

DEMOROU MUITO, MAS DESDE O INÍCIO DESTE SÉCULO O FUTEBOL FEMININO PASSOU A CONTAR COM OS PRINCIPAIS TORNEIOS DO PLANETA, COMO A COPA DO MUNDO, COPA AMÉRICA, EUROCOPA, CHAMPIONS LEAGUE, LIBERTADORES E, POR AQUI, O BRASILEIRÃO

Esporte que surgiu na Inglaterra em meados do século XIX, o futebol passou a ser jogado por mulheres nas décadas de 1910 e 1920 pelo mundo. No país britânico, foi criada a Associação Inglesa de Futebol Feminino em 1921, mas com competições esporádicas. Apenas em 1970 é que o esporte entre as mulheres foi profissionalizado, puxado pela Federazione Femminile Italiana Giuoco Calcio, na Itália. Em 1971, foi disputado o primeiro amistoso internacional oficial, entre França e Holanda. Na década seguinte, foi criada a Eurocopa feminina, mais precisamente em 1984. Um ano depois, os Estados Unidos montaram sua seleção nacional. Em seguida, o Japão criou a primeira liga semiprofissional do mundo, a Liga L, em 1989, existente até hoje.

A partir da década de 1990 é que o futebol feminino passa a ganhar força com a primeira Copa do Mundo organizada pela Fifa, em 1991, na China, disputada por 12 países. Cinco anos depois, o esporte ingressa também nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, tornando-se então uma realidade pelo mundo. Em 2023, a Copa do Mundo irá contar pela primeira vez com 32 seleções. O Brasil é um dos candidatos a sediar o evento, ao lado de Argentina, Colômbia, Austrália, Nova Zelândia, África do Sul, Japão e uma candidatura conjunta entre as Coreias do Norte e do Sul.

No Brasil, inacreditavelmente, o esporte, que deixou de ser proibido para as mulheres em 1979, só foi ganhar seus primeiros clubes, como o Radar (RJ) e o Saad (SP), e torneios praticamente amadores nesse período, como o próprio Brasileiro de 1983 e os estaduais. E nossa primeira convocação foi apenas em 1988. Hoje, o Campeonato Brasileiro conta com 52 clubes, sendo 16 na Série A1 e 36 na Série A2. Nos estaduais, o desnível ainda é grande e, em alguns casos, clubes profissionais e amadores se misturam. Mas a cada ano os torneios crescem em termos de organização e qualidade. No Rio, o Carioca de 2019 durou apenas três meses e contou com 29 equipes, algumas amadoras. O resultado foi um abismo muito grande, como na goleada do Flamengo sobre o Greminho por 56 x 0. Em São Paulo, o Estadual contou com 12 times e maior qualidade técnica. Um incentivo para a modalidade em 2019 foi que a CBF obrigou os clubes da Série A a montar uma equipe feminina adulta e uma de base. A decisão acompanhou um "decreto" da Conmebol, de que os participantes da Libertadores e da Copa Sul-Americana só pudessem entrar nos torneios com seus times de futebol feminino ativos também.

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

QUEM FORAM OS CAMPEÕES DOS PRINCIPAIS TORNEIOS

Copa do Mundo

Ano	Sede	Campeão	Vice	Brasil
1991	China	EUA	Noruega	9º
1995	Suécia	Noruega	Alemanha	9º
1999	EUA	EUA	China	3º
2003	EUA	Alemanha	Suécia	5º
2007	China	Alemanha	Brasil	2º
2011	Alemanha	Japão	EUA	5º
2015	Canadá	EUA	Japão	9º
2019	França	EUA	Holanda	10º

Olimpíadas

Ano	Sede	Campeão	Vice	Brasil
1996	Atlanta (EUA)	EUA	China	4º
2000	Sydney (AUS)	Noruega	EUA	4º
2004	Atenas (GRE)	EUA	Brasil	2º
2008	Pequim (CHN)	EUA	Brasil	2º
2012	Londres (GBR)	EUA	Japão	6º
2016	Rio de Janeiro (BRA)	Alemanha	Suécia	4º

Copa América

Ano	Sede	Campeão	Vice
1991	Brasil	Brasil	Chile
1995	Brasil	Brasil	Argentina
1998	Argentina	Brasil	Argentina
2003	Peru	Brasil	Argentina
2006	Argentina	Argentina	Brasil
2010	Equador	Brasil	Colômbia
2014	Equador	Brasil	Colômbia
2018	Chile	Brasil	Chile

Eurocopa

Ano	Sede	Campeão	Vice
1984	(sem sede fixa)	Suécia	Inglaterra
1987	Noruega	Noruega	Suécia
1989	Alemanha Ocidental	Alemanha Ocidental	Noruega
1991	Dinamarca	Alemanha	Noruega
1993	Itália	Noruega	Itália
1995	Alemanha	Alemanha	Suécia
1997	Noruega/Suécia	Alemanha	Itália
2001	Alemanha	Alemanha	Suécia
2005	Inglaterra	Alemanha	Noruega
2009	Finlândia	Alemanha	Inglaterra
2013	Suécia	Alemanha	Noruega
2017	Holanda	Holanda	Dinamarca

Liga dos Campeões da Europa

Ano	Campeão	Vice
2001/02	Frankfurt-ALE	Umea-SUE
2002/03	Umea-SUE	Fortuna Hjorring-NOR
2003/04	Umea-SUE	Frankfurt-ALE
2004/05	Turbine Potsdam-ALE	Djugardens-SUE
2005/06	Frankfurt-ALE	Turbine Potsdam-ALE
2006/07	Arsenal-ING	Umea-SUE
2007/08	Frankfurt-ALE	Umea-SUE
2008/09	Duisburg-ALE	Zvezda Perm-RUS
2009/10	Turbine Potsdam-ALE	Lyon-FRA
2010/11	Lyon-FRA	Turbine Potsdam-ALE
2011/12	Lyon-FRA	Frankfurt-ALE
2012/13	Wolfsburg-ALE	Lyon-FRA
2013/14	Wolfsburg-ALE	Tyreso-SUE
2014/15	Frankfurt-ALE	Paris Saint-Germain-FRA
2015/16	Lyon-FRA	Wolfsburg-ALE
2016/17	Lyon-FRA	Paris Saint-Germain-FRA
2017/18	Lyon-FRA	Wolfsburg-ALE
2018/19	Lyon-FRA	Barcelona-ESP

Copa Libertadores

Ano	Campeão	Vice
2009	Santos	Universidad Autonoma-PAR
2010	Santos	Everton-CHI
2011	São José-SP	Colo-Colo-CHI
2012	Colo-Colo-CHI	Foz Cataratas-PR
2013	São José-SP	Formas Íntimas-COL
2014	São José-SP	Caracas-VEN
2015	Ferroviária-SP	Colo-Colo-CHI
2016	Sportivo Luqueño-PAR	Estudiantes de Guárico-VEN
2017	Audax-SP	Colo-Colo-CHI
2018	Atlético Huila-COL	Santos
2019	Corinthians	Ferroviária-SP

Copa do Brasil

Ano	Campeão	Vice
2007	Saad-MS	Botucatu-SP
2008	Santos	Sport
2009	Santos	Botucatu-SP
2010	Duque de Caxias-RJ	Foz Cataratas-PR
2011	Foz Cataratas-PR	Vitória das Tabocas-PE
2012	São José-SP	Centro Olímpico-SP
2013	São José-SP	Vitória das Tabocas-PE
2014	Ferroviária-SP	São José-SP
2015	Kindermann-SC	Ferroviária-SP
2016	Audax/Corinthians-SP	São José-SP
2017-19	(não realizada)	

ESTADUAIS
Maiores campeões

São Paulo

4

SANTOS
(2007, 2010, 2011 e 2018)

FERROVIÁRIA
(2002, 2004, 2005 e 2013)

JUVENTUS
(1984, 1985, 1986 e 1987)

Rio de Janeiro

9

VASCO
(1995, 1996, 1997, 1998, 2000, 2010, 2012 e 2013)

RADAR 6
(1983, 1984, 1985, 1986, 1987 e 1988)

FLAMENGO 4
(2015, 2016, 2017 e 2018)

Minas Gerais

ATLÉTICO-MG 5
(2006, 2009, 2010, 2011 e 2012)

AMÉRICA 3
(2016, 2017 e 2018)

Rio Grande do Sul

6

INTERNACIONAL
(1997, 1998, 1999, 2002, 2003 e 2017)

GRÊMIO 3
(2000, 2001 e 2018)

CANOAS 3
(2010, 2015 e 2016)

JUVENTUDE 3
(2004, 2005 e 2006)

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Jogadoras da Ferroviária de Araraquara comemoram o título brasileiro sobre o Corinthians no Parque São Jorge, em São Paulo: bicampeãs (2014 e 2019)

Campeonato Brasileiro (não oficial)

Ano	Campeão	Vice
1983	Radar-RJ	Goiás
1984	Radar-RJ	Atlético-MG
1985	Radar-RJ	Internacional
1986	Radar-RJ	Brasília-DF
1987	Radar-RJ	Vila Dimas-DF
1988	Radar-RJ	Portuguesa
1989	Saad-SP	(não disponível)
1990	Independente-PA	(não disponível)
1991	Sul América-AM/Saad-SP	
1992	(não realizado)	
1993	Vasco	Saad-MS
1994	Vasco	Euroexport-BA
1995	(não realizado)	
1996	Saad-MS	Vasco
1997	São Paulo	Lusa Sant'Anna
1998	Vasco	Portuguesa
1999/00	Portuguesa	Palmeiras
2001	Santa Isabel-MG	Matonense-SP
2002	(não realizado)	
2003	Saad-MS	Santos
2004-2005	(não realizado)	
2006	Botucatu-SP	CEPE-Caxias-RJ
2007	Santos	Botucatu-SP
2008-2012	(não realizado)	

Campeonato Brasileiro (oficial)

Ano	Campeão	Vice
2013	Centro Olímpico-SP	São José-SP
2014	Ferroviária-SP	Kindermann-SC
2015	Rio Preto-SP	São José-SP
2016	Flamengo	Rio Preto-SP
2017	Santos	Corinthians
2018	Corinthians	Rio Preto-SP
2019	Ferroviária-SP	Corinthians

© GETTY IMAGES

Equipe americana comemora a conquista da Copa do Mundo da França, após vencer a Holanda em grande final

2019: O ANO DA VIRADA DO FUTEBOL FEMININO

E ISSO É SÓ O COMEÇO

A COPA DO MUNDO DA FRANÇA MARCA UMA VIRADA NA ATENÇÃO DADA AO FUTEBOL FEMININO NO MUNDO E ESPECIALMENTE NO BRASIL, QUE FOI DESPERTADO PARA A MODALIDADE E TEVE NÚMEROS EXPRESSIVOS DE AUDIÊNCIA NA TV

Por Nayara Perone, Kamilla Vilarreal, Bruna Didario e Maria Guimarães, do Joga Miga

COPA DA FRANÇA 2019

Precisou de anos, décadas, para o futebol feminino ter a visibilidade que cabe e merece. Desde sua primeira edição, em 1991, a seleção brasileira de futebol feminino está presente em Copas do Mundo com equipes mais do que competitivas. Mas somente em 2019 tivemos a oportunidade de acompanhar um mundial completo, com jogos do Brasil sendo transmitidos em canais de televisão abertos, e as demais partidas, como estamos acostumados a acompanhar na Copa masculina, ao longo da programação dos canais a cabo.

Em dezembro de 2018 foi anunciada pela Rede Globo a transmissão dos jogos do Brasil. Meses depois, o anúncio foi da Band. Pudemos acompanhar empresas que dispensaram funcionários para assistir às partidas, amigos reunidos em locais públicos e rodas de discussões táticas pelas redes sociais. Era a chance perfeita para os brasileiros conseguirem acompanhar sua seleção em uma Copa. E os números informados pela Fifa confirmam que os brasileiros abraçaram nossas meninas – e as demais seleções também. A Copa do Mundo na França, de 7 de junho a 7 de julho de 2019, foi consumida por 1,12 bilhão de pessoas. O alcance soma transmissões televisivas e plataformas digitais, que auxiliaram nesse crescimento em 12,5%. No mundo, a média de audiência chegou a 17,27 milhões de espectadores, mais do que o dobro da Copa de 2015, no Canadá.

E o que o Brasil tem a ver com isso?

Muito! O país foi responsável pelo salto de 520% no consumo da competição na América do Sul, comparado a 2015. Só o nosso país contribuiu com 81,5% do consumo da Copa do Mundo no território inteiro. Graças, é claro, à exibição das partidas em várias plataformas, gratuitas e pagas.

Outro fator importante foi o destaque mundial da seleção brasileira nessa edição da Copa. No top 10 dos jogos com maiores audiências, quatro partidas envolviam o Brasil: Brasil x Jamaica, Austrália x Brasil, Itália x Brasil e o segundo jogo mais visto no mundo, França x Brasil (60,67 milhões de espectadores) – que só perdeu em números de audiência para a final Estados Unidos x Holanda (82,18 milhões de espectadores).

Um marco para seleção e torcedores

A Copa do Mundo Fifa 2019 foi um marco de participação do público brasileiro. Diferente das outras edições, a deste ano teve a seu favor a forte interação da torcida nas redes sociais. O envolvimento brasileiro foi tão grande que, logo na estreia da seleção, em pleno domingo de manhã, a transmissão alcançou expressivos 24 pontos de audiência. Diversas empresas, como O Boticário e Ambev, interromperam suas atividades, permitiram que seus funcionários assistissem aos jogos da seleção e incentivaram outras empresas a fazer o mesmo. Até en-

Valerie Gauvin marca contra o Brasil na Copa, em jogo que se tornou o segundo mais visto, com mais de 60 milhões de espectadores, perdendo apenas para a final entre Estados Unidos e Holanda

NA TELEVISÃO E NO DIGITAL, A COPA DA FRANÇA FOI CONSUMIDA POR 1,12 BILHÃO DE PESSOAS

A DIVERSIDADE FOI DESTAQUE NOS ESTÁDIOS FRANCESES E NA COBERTURA DE TV NA COPA

A americana Rapinoe, que ganhou a Chuteira de Ouro e o título de melhor da Copa, foi destaque dentro e fora dos campos, protestou e defendeu os direitos LGBT: futebol e consciência

tão uma coisa impensável – e que, não à toa, repercutiu em todo o país.

Na TV aberta, além dos jogos do Brasil na Globo, partidas importantes foram transmitidas pela Band. Na TV fechada, o SporTV transmitiu praticamente toda a competição, com alguns confrontos exibidos exclusivamente no site do Globo Esporte. O *boom* das transmissões, aliado ao público engajado e ao alto nível da própria competição, fez com que o Brasil fosse o país com o maior número de televisores ligados no mundo no dia da final. Foram 19,9 milhões de espectadores únicos (na Globo ou no SporTV) para assistir a EUA 2 x 0 Holanda, superando até mesmo a audiência do país campeão, os Estados Unidos, que alcançou 15,2 milhões de telespectadores. O jogo França 2 x 1 Brasil, exibido num domingo à tarde – horário nobre do futebol brasileiro – somou mais de 35 milhões de torcedores, divididos entre as emissoras.

Atualização do futebol feminino

A Wikipédia Brasil, em parceria com o Museu do Futebol, reuniu voluntários para criar ou corrigir as páginas de todas as atletas convocadas para a Copa. Com essa ação, a procura pelas jogadoras na Wikipédia chegou a 1,6 milhão de visualizações.

Ainda no Museu do Futebol, a exposição "Contra-Ataque", encerrada no último dia 20 de outubro, contou a história do futebol feminino brasileiro, suas proibições e superações, além de apresentar ao grande público as mulheres pioneiras, as craques e todas as que fizeram e fazem essa história acontecer. A exposição recebeu a visita da comissão técnica do Brasil e das próprias atletas, que aproveitaram o momento de raro destaque para tirar selfies com suas próprias imagens e histórias estampadas nos painéis do museu.

O mundial da França deixou um gostinho de saudade na torcida, que com certeza já está fazendo a contagem regressiva para 2023, mesmo a Fifa ainda não tendo definido a sede, que será escolhida em março do ano que vem, com o Brasil no páreo.

E a gente foi até lá

Nayara Perone, uma das fundadoras do Joga Miga, foi uma de nossas correspondentes na França e de lá acompanhou boa parte da Copa do Mundo, incluindo as movimentações em Valenciennes – a menor das cidades-sede – e Paris.

Acompanhar o futebol feminino é algo recente para a maioria de nós, mesmo entre quem pratica a modalidade. Mas, mesmo quando começamos a buscar pela modalidade, era raro ver nossos times de coração com um plantel de mulheres. As Copas do Mundo sempre foram um caso à parte, que nos davam inspirações e ídolos em quem se espelhar.

Nessa realidade de quem testemunhou a Copa do Mundo Feminina na França, deparamos com algo que não imaginávamos: em todas as sedes da Copa, a organização só melhorava e os fãs aumentavam conforme as fases mais importantes iam chegando.

Estádios e torcidas

Na hora de comprar os ingressos, duas sedes foram escolhidas: Valenciennes e Paris. Na pequena cidade, o primeiro jogo, um agitado Espanha x Alemanha. Além do estádio do time local, era possível ver os bares próximos aos jogos enfeitados com bandeiras de todos os países participantes, mesinhas esperando a torcida para assistir aos jogos. Já em Paris, o palco foi o tão falado Parc des Princes, estádio do badalado PSG.

Na torcida, ficava clara a diversidade: homens, mulheres, torcedores de vários países, todos juntos, em torcida mista. Havia torcidas mais organizadas, como a da China, que, com bateria e faixas, fazia barulho nos jogos. O que mais chamou atenção foi a quantidade de crianças –

meninas, principalmente – assistindo e torcendo muito. Se era inspiração que poderia faltar, saímos de lá com o coração cheio.

Na saída dos estádios e pelas ruas, não faltava aviso de que a Copa estava acontecendo: era fácil ver Le Sommer, Lucy Bronze, Miedema, Alex Morgan, Van den Sanden, Ellen White, Renard, entre muitas outras, em mídias de metrô, internet, televisão, nas ruas. Além disso, pôsteres, adesivos em carros e lojas motivando as seleções eram vistos em todo lugar. A torcida da França, inclusive, deu um show à parte nesta Copa.

Clima de Copa

Os espaços reservados para as torcidas assistirem aos jogos no telão, as Fan Fests, lotavam em dias de jogo. Nelas havia espaço para disputas de pênaltis e quadra livre para uso, e muitas mulheres – de vários países – jogavam ali.

Além da famosa "invasão laranja" feita pela torcida da Holanda, que compareceu em peso para apoiar a seleção com uma festa absurda, bares cheios com muita gente assistindo jogos no telão eram cenas comuns. Na TV, mesas redondas, ex-jogadoras e jornalistas, homens e mulheres debatiam por horas quem eram as melhores atletas, as seleções mais bem cotadas, palpites da rodada. Até as enfadonhas polêmicas "foi-pênalti-ou-não-foi" eram pauta em todos os programas. Uma cobertura completa, que nunca imaginamos ver.

Acompanhamos Brasil x Itália *in loco*. Bandeiras com Marta, Formiga, Cristiane enfeitavam o bar local, lotado de brasileiros bebendo e fazendo muita festa. Dividindo o mesmo espaço, italianos de todas as idades e gêneros faziam provocações com os brasileiros. Aliás, torcer contra o Brasil foi algo muito presente. Carregar a fama de País do Futebol não é fácil, ainda que o investimento na modalidade feminina seja pífio. No campo, porém, os torcedores não levavam isso em consideração. Era notório que o Brasil era o time a ser batido e cenas dos torcedores de países diferentes se juntando para secar nossos jogos eram normais.

Os coletivos de futebol feminino franceses se reuniram para atrair projetos do mundo todo e criar um "ponto de encontro". Nesse espaço, os jogos eram transmitidos e tinha cerveja grátis durante as partidas. Conhecemos projetos incríveis e ainda pudemos deixar uma camisa do Joga Miga exposta por lá. E foi lá que assistimos a Brasil x França.

Se você vivenciou o ano de 1998, talvez carregue até hoje o trauma e o rancor de Zidane, que nos devorou naquela final. Na teoria, a rivalidade com os franceses não existe no futebol feminino, pois o que os franceses mais queriam era passar o carro no Brasil. Ali não importava mais nada. Só que era um Brasil x França e a torcida anfitriã estava ansiosa pela classificação. Faltam palavras para descrever o que foi aguentar 90 minutos, mais prorrogação, ao lado deles. Bastou o gol da Henry na prorrogação para sofrer todo o *bullying* que só o futebol é capaz de proporcionar. Com as mãos na cabeça, vimos torcedores fazendo sinal de "não estou ouvindo" para mim. O canto "Allez les Bleus" tomou conta da torcida. No fim, apesar da eliminação, foi uma experiência divertida.

O gol da Rapinoe

A rivalidade EUA x França também não é uma disputa predominante no futebol, mas no aspecto sociocultural é algo histórico. Tudo o que contam sobre franceses não falarem inglês com turistas é real, e eles fazem questão de demonstrar o orgulho de sua cultura frente aos norte-americanos. Imaginem isso traduzido para uma decisão de vaga na final da Copa do Mundo.

A tradição americana no futebol fala tão alto que o estádio estava visivelmente dividido entre as duas torcidas. Os gritos se sobrepunham e o jogo começou quente. Ficamos ao lado da torcida francesa, e o setor inteiro carregava bandeiras das atletas, além de cânticos, faixas de apoio e uma bateria enorme.

Vimos bem de perto Rapinoe fazer aquele gol de falta. Isso mesmo, não foi qualquer gol. Foi aquele gol. Aquele em que ela correu para a bandeirinha de escanteio do lado em que estávamos para fazer a comemoração parando com os braços abertos. Uma imagem a se guardar para o resto da vida.

No fim dessa jornada – para nós, não para a Copa, que seguiu até o título dos EUA – ficou a sensação de mudança. Presenciamos ali um ponto de virada: vimos a história sendo feita. A noção de que a cultura do futebol pode abraçar todos os gêneros. A ideia de que futebol é mais que título, é bola no pé, é cultura de torcidas, é festa, é emoção, dores, alegrias, mulheres sendo idolatradas por seu talento no esporte. Enfim, estar pessoalmente nessa enorme festa que é a Copa do Mundo nos deu a certeza de que o futuro pode ser, sim, do futebol feminino. Que 2019 seja apenas o começo.

EM TESE, NÃO EXISTIA RIVALIDADE ENTRE FRANÇA E BRASIL NO FUTEBOL FEMININO: SÓ EM TESE

© GETTY IMAGES

© BPA

"Invasão holandesa" é o termo para definir a torcida da Holanda, que coloriu os estádios da França de laranja para apoiar suas jogadoras; Brasil e França entram em campo no estádio Oceane, em Le Havre

© BPA

EVOLUÇÃO NO BRASIL

A TRAJETÓRIA DA CATEGORIA NO BRASIL FOI DE RESISTÊNCIA DIANTE DE UM CENÁRIO DE PRECONCEITOS, PROIBIÇÕES, MACHISMO E PERSEGUIÇÕES. HÁ MUITAS VITÓRIAS E UMA HISTÓRIA INCRÍVEL PARA SE CONHECER

por Mariana Luchesi

POR QUE O FUTEBOL FEMININO FOI PROIBIDO NO BRASIL?

Pioneiras do Radar posam para a Placar em 1985: história de resistência que virou documentário em 2019

A craque de bola Michael Jackson, uma das estrelas do Radar, exibe seus troféus na década de 1980

"Vá brincar de boneca, porque futebol é para menino. Era o que eu ouvia com frequência. Me invoquei e comecei a arrancar a cabeça das minhas bonecas para jogar bola", relembra Sissi, que integrou a primeira seleção feminina em 1988 e chegou a ser eleita segunda melhor do mundo em 2000. No entanto, para percorrer o caminho que a levaria à fama, a artilheira camisa 10 e muitas outras mulheres sofreram com a prerrogativa de um esporte até então marcado por seu gênero. Ironia e tanto para uma nação que carrega o título de País do Futebol.

A modalidade aportou no Brasil no fim do século 19, como elemento constituinte de uma elite. Era chique e feita por e para homens. E não à toa. Para as mulheres, cabia o papel historicamente imposto de bela, recatada e do lar. Evitavam-se atividades esportivas coletivas e que exigissem contato físico. Jogar bola? Nem pensar. Estava na contramão da moral e dos bons costumes e poderia masculinizar o corpo da mulher, que precisava ter traços delicados e suaves. Além do fato de que eram elas as responsáveis por gerar filhos – e o esporte poderia prejudicar a função reprodutiva. "Neste momento já existe um envolvimento das mulheres com o futebol, principalmente torcendo nos estádios. Ironicamente, os gestos femininos foram os responsáveis por essa ideia de quem está na arquibancada", explica a pesquisadora Aira Bonfim, curadora da exposição Contra-Ataque, que ficou em cartaz no Museu do Futebol neste ano.

Na década de 1930, o futebol passa a se popularizar e a ser tomado por jogadores vindos do subúrbio. Nesse circuito alternativo surgem muitas equipes femininas, ainda longe dos estádios e da sociedade esportiva. Na década de 1940 formam-se times cariocas bem estruturados para os padrões da época, como o Casino de Realengo, o Sport Club Benfica, o Sport Club Valqueire e o Eva Football. É nesse contexto que duas dessas equipes são convidadas para os festejos de inauguração do estádio do Pacaembu, em São Paulo. A visibilidade causada pela imprensa cria os primeiros subsídios para a subsequente proibição do esporte no Brasil.

Em 1941, um decreto assinado pelo então presidente Getúlio Vargas proibia a prática da modalidade no país. "Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza", dizia o artigo 54 do decreto-lei 3.199. Além disso,

OS NÚMEROS DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL

3 200 ATLETAS
FEDERADAS NA CBF

10 000 ATLETAS
EM EQUIPES VINCULADAS

340 EQUIPES

52 TIMES
ATUANDO EM CAMPEONATOS ADULTOS

120 ATLETAS
BRASILEIRAS ATUANDO NO EXTERIOR

50 MILHÕES
É O INVESTIMENTO DOS CLUBES NOS TORNEIOS FEMININOS (O DOBRO DO VALOR APLICADO EM 2018)

* Infos Exposição Contra-Ataque, Museu do Futebol

alegava-se que a natureza violenta das partidas prejudicava a saúde das mulheres e suas funções orgânicas. "Mesmo com a proibição, não deixou de existir futebol feminino. Nesse momento tem muito futebol acontecendo. No entanto, culturalmente, você está dizendo nas escolas, nas famílias, que isso não pertence às mulheres", afirma Aira. No entanto, apesar de não existir uma punição de fato à prática esportiva, a polícia começou a intervir na realização de algumas partidas. O motivo? A prática era tida como moralmente contraindicada e suspeita. Além disso, dissminam-se campanhas difamatórias contra as jogadoras e organizadores. Isso porque, pouco antes da proibição na década de 1940, Dona Carlota, uma dirigente carioca, foi presa. Na época, ela era a responsável por organizar a agenda de jogos femininos. Assim que os times ganham representatividade, sobra para ela a acusação de aliciar mulheres e levá-las aos chamados dancings – boates de prostituição.

Sissi e Márcia Taffarel, jogadoras que integraram as primeiras equipes nacionais oficiais

© EDUARDO ALBARELLO

Rumo ao fim do decreto

Já com a chegada dos anos 1970, o futebol feminino continuou caminhando a passos lentos no país, mas já dava sinais de que a modalidade teria força para ir na contramão de sua proibição. Em 1971, cerca de 50 000 pessoas acompanharam a Dinamarca ser campeã naquele que foi considerado o primeiro campeonato mundial. E isso só foi possível depois da criação da Federação Internacional de Futebol Feminino, que fomentou o início de uma era produtiva para a modalidade. "O Brasil chega a ser convidado, mas nem responde ao convite", pontua a pesquisadora, lembrando que, no ano seguinte, o México foi quem sediou a segunda edição do torneio. O Brasil só viria a participar do campeonato 21 anos depois.

O declínio do regime militar e os subsequentes avanços de movimentos sociais, como o feminismo, contribuíram para o fim da proibição. Se por um lado o futebol feminino ganhou espaço, por outro se exigia que a categoria seguisse um regulamento específico: as partidas duravam 70 minutos, com intervalos entre 15 e 29 minutos. A bola devia ser menor e mais leve, com diâmetro entre 62 e 66 cm e peso máximo de 390 gramas. Aos estádios, restava abrir suas portas ao público, já que a cobrança de ingressos não era permitida. Trocar de camisa ao fim do jogo, nem pensar.

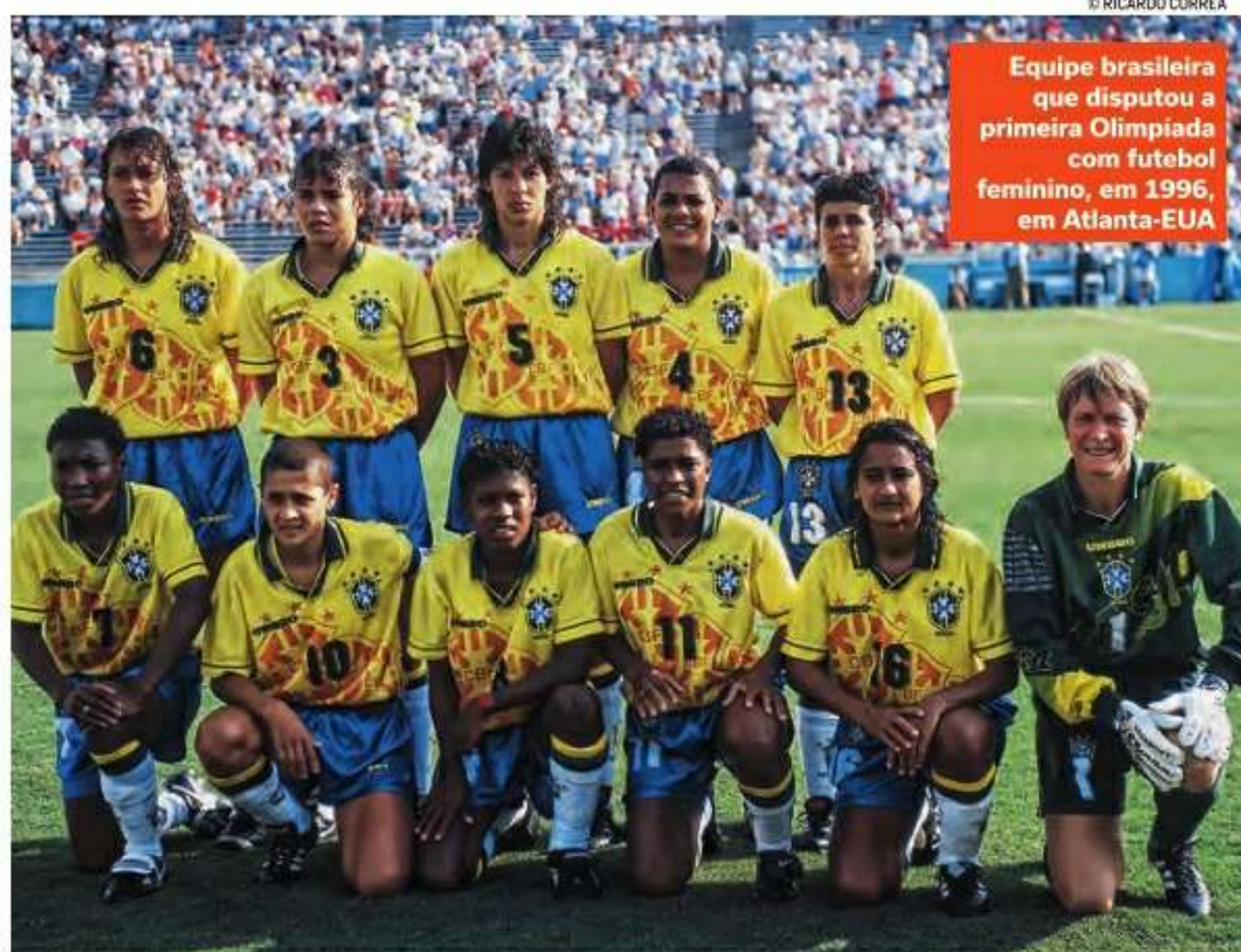
"Mulher jogar futebol era ainda uma coisa muito nova. Havia torcedores que iam aos jogos apenas para proferir chacotas. Ofender, chamar de sapatão e outros nomes pejorativos. Nós, dessa primeira geração da década de 80, depois da proibição, tivemos esse pioneirismo. Todas as meninas encararam o preconceito e a homofobia que existe quando você tenta quebrar tabus", diz Marcia Taffarel, meia que disputou com a seleção brasileira a primeira Olimpíada das mulheres, em Atlanta, em 1996. Em meio à regulamentação da categoria,

EVOLUÇÃO NO BRASIL

© MARCO ANTONIO CAVALCANTI

Time das meninas do Vasco, em 1987: por muito tempo os uniformes para as mulheres eram os mesmos dos homens

que ocorreria apenas em 1983, surge no Rio de Janeiro aquele que seria o principal time feminino da época: o Radar Futebol Clube.

A primeira equipe do time carioca, que depois teria Sissi e Michael Jackson no elenco, nunca perdeu uma Taça Brasil que disputou. Ao todo, foram seis vitórias consecutivas. Sem falar dos Campeonatos Cariocas: venceu em 1983, 1984, 1985, 1986, 1987 e 1988. No fim da década de 80, dois anos depois de o Brasil disputar sua primeira partida em um jogo amistoso contra os Estados Unidos, a seleção formada com jogadoras do Radar conquista o bronze em um torneio experimental na China. Estava dado o pontapé inicial para o reconhecimento da modalidade no país. Em 1990, depois de colecionar 71 jogos internacionais, 66 vitórias, três empates e

© RICARDO CORRÊA

Equipe brasileira que disputou a primeira Olimpíada com futebol feminino, em 1996, em Atlanta-EUA

O FILME "RADAR, UM TIME! UMA NAÇÃO!" CONTA A INCRÍVEL TRAJETÓRIA DO PIONEIRO DO FUTEBOL FEMININO

somente duas derrotas, a equipe do Radar chega ao fim. Neste ano foi lançado o documentário *Radar, um time! Uma nação!* Apresentado no festival Cinefoot e dirigido por Douglas Lima e Jefferson Rodrigues, é excelente para se conhecer mais sobre a história incrível do Radar.

A década de 90 não representa apenas um avanço da modalidade no país. As partidas agora oficiais ganham os olhos de milhares de brasileiros graças às transmissões na televisão aberta. Em 1991, a FIFA assume oficialmente a categoria e organiza a primeira Copa do Mundo na China. Quatro anos depois, a seleção orquestrada por Meg, Marisa, Fanta, Suzy, Sissi, Pretinha e Roseli fica com o quarto lugar na Olimpíada de Atlanta, depois de perder a disputa do bronze para a Noruega.

"A década de 90 foi um marco no sentido de que competições internacionais passaram a estar oficialmente no calendário. Assim como o Brasileiro e os Estaduais. Pudemos ser vistas também na mídia. A TV começou a acompanhar os jogos. Em 1997, no primeiro Paulista, os jogos passaram na Band. Foi o começo da estruturação do futebol feminino", afirma Marcia Taffarel.

"O mundial de 1999 não apenas marcou a minha carreira, mas o futebol feminino em geral. Em termos e estrutura, de público. Foi aí que comecei a ver o quanto cresceu. Fui escolhida a segunda melhor jogadora do mundo e artilheira. Marcou minha carreira", diz Sissi.

No entanto, apesar da evolução, havia muito a ser feito. Exemplo: de 1988 – ano da primeira convocação oficial do

Um misto de tristeza e alegria pela superação e conquista da medalha de prata, em Atenas-2004: Marta comemora ao centro

© RICARDO STUCKERT

Beatriz comemora seu gol contra a Suécia na fase de grupos da Olimpíada de 2016, no Rio de Janeiro. Depois ficaríamos em 4º lugar na competição

Brasil – até a Copa do Mundo de 2011, já com Marta no elenco, as meninas usavam em todos os campeonatos o uniforme da seleção masculina. Só em 2015, na Copa do Mundo do Canadá, o time viria a campo com um uniforme exclusivo. E sua comercialização em lojas especializadas só ocorreria em 2019.

"Por mais que desde a década de 90 a CBF tenha encarado o esporte como feminino também, as mulheres nunca vão beber da estrutura que os homens tiveram. Por exemplo, até os anos 2000 elas não se exercitavam nas academias da seleção", conta Aira Bonfim.

Taffarel recorda que, apesar do amor ao esporte, as condições ficavam muito aquém do necessário. "Tivemos um período em que treinamos na escola de educação física do Exército. A gente dormia em camas beliche e acordávamos às 5h com os soldados cantando."

Os anos 2000 trazem um elenco reformulado. Surgem atletas importantes para a história do nosso futebol feminino, como Cristiane e Marta, que disputaram a primeira Copa do Mundo em 2003. No mesmo ano, a equipe conquista o ouro no Pan-Americano de Santo Domingo e se prepara para a Olimpíada na Grécia, no ano seguinte, onde colheria uma medalha de prata inédita. Em 2006 Marta se coloca entre as principais atletas mundiais ao conquistar seu primeiro troféu de melhor do mundo – prêmio que ganharia outras cinco vezes.

Aí vieram a primeira edição da Libertadores feminina – com um Santos potente, escalado com Cristiane e Marta – e a tentativa de formar um calendário de jogos. Tanto é que em 2014 foi criada a seleção permanente e, em 2017, veio a

EM 1941, GETÚLIO VARGAS PROÍBE A PRÁTICA DO FUTEBOL POR MULHERES, ATO REVOGADO SOMENTE EM 1979

CRONOLOGIA DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL

1941 – Proibição do esporte no Brasil.

1970 – Criação da Federação Internacional de Futebol Feminino, que promoveu em junho, na Itália, o primeiro campeonato mundial.

1979 – Fim da proibição.

1982 – Surge o maior clube brasileiro de futebol feminino: o Radar.

1983 – Regulamentação do esporte no Brasil, possibilitando a utilização dos estádios para jogos de mulheres, a prática nas escolas e a criação de calendários oficiais.

1986 – Primeira partida amistosa da seleção brasileira em um jogo internacional.

1988 – Torneio experimental Women's Invitational Tournament da Fifa na China. O Brasil fica com o bronze.

1991 – Primeira Copa do Mundo na China promovida pela FIFA.

1996 – Primeira Olimpíada. Brasil perde o bronze para a Noruega por 2 x 0.

1997 – Primeiro Campeonato Paulista com jogos televisionados pela TV Bandeirantes.

1999 – Primeira medalha Fifa na Copa do Mundo dos EUA. O Brasil perde a semifinal para os EUA, mas conquista o bronze contra a Noruega. Sissi faz o gol que seria considerado um dos mais bonitos da história dos mundiais.

2003 – Primeira Copa do Mundo das atletas Marta e Cristiane.

2003 – Medalha de ouro no Pan-Americano de Santo Domingo.

2004 – Medalha de prata na Olimpíada de Atenas.

2006 – Primeira premiação de Marta como melhor do mundo.

2007 – Brasil vence o Pan-Americano do Rio de Janeiro em partida histórica contra os EUA: 5 x 0.

2007 – Prata na Copa do Mundo da China.

2007 – Marta ganha pela segunda vez o troféu de melhor jogadora do mundo pela Fifa.

2008 – Brasil conquista a medalha de prata na Olimpíada de Pequim.

2008 – Pela terceira vez, Marta é a melhor do mundo.

2009 – Primeira edição da Libertadores feminina. Marta leva pela quarta vez o troféu de melhor do mundo.

2010 – Marta cinco vezes melhor do mundo.

2011 – Copa do Mundo na Alemanha. Depois de encerrar a primeira fase com 100% de aproveitamento, o Brasil enfrenta os Estados Unidos e é desclassificado na disputa por pênaltis.

2012 – Perde por 2 x 0 do Japão nas quartas de final da Olimpíada de Londres.

2014 – Brasil vence o Campeonato Sul-Americano de Futebol Feminino disputado no Equador.

2015 – Brasil é eliminado nas quartas de final pela Austrália na Copa do Mundo do Canadá, mas vence o panamericano no mesmo ano.

2016 - Nos jogos olímpicos no Brasil a seleção fica fora do pódio.

2017 - Conmebol torna obrigatório que as equipes masculinas que queiram disputar competições tenham times femininos.

2018 – Marta ganha pela sexta vez o troféu de melhor do mundo.

2019 – Brasil é eliminado na Copa do Mundo de Futebol na França e Formiga completa 151 jogos com a camisa da seleção. A equipe do Corinthians conquista a Libertadores depois de vencer o time da Ferroviária.

obrigatoriedade de os clubes masculinos terem times femininos.

"As coisas estão melhorando, e aí tudo vai melhorando. Mas hoje já conseguimos enxergar clubes que pagam salários que possibilitam que atletas e comissão técnica vivam somente do futebol. No entanto, as pessoas sempre duvidam que a gente, por ser mulher possa entender de futebol", pontua Emily Lima, primeira técnica mulher da seleção feminina, em 2017.

Para Aira Bonfim, o momento é de evolução. "O cenário em 2015 era muito diferente. Não acho que seja um movimento dissociado dos movimentos de mulheres. Hoje conseguimos compreender o lugar onde estamos, aonde precisamos chegar. Sim, o movimento feminista é muito importante porque acabou carregando essas personagens do futebol brasileiro. Por que a gente não conhece, não valoriza, não acompanha e não torce por essas mulheres? Não é algo só inerente ao nosso país."

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Marta levou para casa seis troféus de melhor do mundo pela Fifa

EVOLUÇÃO NO BRASIL

PRECISAMOS CONTAR MAIS A HISTÓRIA

LU CASTRO, JORNALISTA E PESQUISADORA DA MODALIDADE, VEM TRABALHANDO EM EXPOSIÇÕES E RESGATANDO HISTÓRIAS DO FUTEBOL FEMININO E DA LUTA DAS MULHERES PARA GANHAR VISIBILIDADE

Durante a última Copa do Mundo, o Museu do Futebol do estádio do Pacaembu, em São Paulo, organizou uma exposição para contar a história e a luta das mulheres que precisaram desafiar a lei para conseguir praticar o futebol feminino no Brasil, na mostra "Contra-Ataque", que ficou exposta até o fim de outubro. Com fotos e recortes de jornais das décadas de 1930, 1940 e 1950, a exposição trouxe depoimentos das jogadoras pioneiras, camisas antigas, curiosidades e muita história, principalmente da luta das mulheres para conseguirem jogar. Frases como "O futebol mata a graça da mulher" e "Pé de mulher não foi feito para se meter em chuteiras!" chamavam a atenção. A diretora de conteúdo do museu, Daniela Alfonsi, organizou a exposição que contou com quatro curadoras: Aline Pellegrino, ex-zagueira e capitã da seleção brasileira entre 2004 e 2013; Silvana Goellner, professora da UFRGS e especialista em gênero no esporte; Aira Bonfim, que foi pesquisadora do museu nos últimos anos e que está concluindo um mestrado sobre a história do futebol feminino entre 1915-1941; e Lu Castro, jornalista e pesquisadora. "Em 2007, após a boa campanha do Brasil na Copa do Mundo, por sugestão do meu editor, eu comecei a escrever sobre o futebol feminino para um blog no site OleOle. "Eu tinha uma entrevista com a Magali, treinadora do Juventus, e comecei a buscar informações na internet. Não havia quase nada sobre a modalidade, e o que aparecia era bem desatualizado. Eu pensei: 'Poxa, tem algo muito errado. Preciso fazer alguma coisa'. Ali começou minha relação jornalística mesmo com o futebol feminino. E peguei uma verdadeira paixão pelo esporte. Brinco que é como se um bichinho te picasse e você passasse a ficar doente pelo futebol feminino. A partir daí virei uma militante mesmo", explica Lu Castro. Pouco depois, ela escreveu para o Livresportes, site da ex-árbitra Ana Paula Oliveira, e para o site Futebol para Meninas, parceiro do jornal *Lance!*. Desde 2016, porém, Lu Castro vem trabalhando como pesquisadora e curadora de exposições sobre futebol, principalmente o feminino. "Dentro do que tenho pesquisado e observado no decorrer da história, o futebol feminino sempre teve picos. Tivemos no início dos anos 1980, com o que chamamos de pioneiras, meninas que mal tinham condições para jogar e usavam restos de uniformes da seleção masculina ou dos clubes. A gente teve um *boom* naquela época com o sucesso do Radar e depois a rivalidade deles com o Saad. Depois veio o Paulistânia, no início dos anos 1990. Mas a partir de 2004 é que o interesse aumenta. Tivemos dificuldades, mas ao mesmo tempo um grande avanço. Com Marta, Cristiane, Daniela Alves, as pessoas começaram a acompanhar mais. Em 2009, muitas meninas procurando escolinhas e espaços para jogar bola", conta a jornalista. "Acho que estamos num momento sem volta. O esporte cresceu e ganhou seu espaço", afirma Lu Castro, que disse ter passado muita raiva nesses anos de cobertura. "A falta de organização sempre foi marcante. Em muitos lugares, não temos pessoas trabalhando com afeto, com amor ao esporte. Já vimos jogos acontecendo em horários ruins, sob altas temperaturas, sem policiamento, sem ambulância e sem médico presente. Ouvi muitas reclamações de equipes que economizavam sempre com as meninas de variadas maneiras, como voos com escalas demoradas, hotel mais barato, alimentação inadequada. E isso sempre influenciou no desempenho em campo também." Para ela, é importante ressaltar que o futebol feminino nunca conseguiu uma concessão. Foi sempre uma luta, sempre uma conquista. "Foi uma grata surpresa trabalhar com o lado cultural do esporte. A ideia é nunca encerrar o assunto. É gerar reflexão e, a partir dessa ideia, que outras pessoas possam fazer outras perguntas e trazer outros questionamentos", completa.

Lu Castro, Aline Pellegrino, Silvana Goellner e Aira Bonfim no Museu do Futebol: resgate histórico do futebol feminino

O campo de futebol no coração de Paraisópolis, no bairro do Morumbi, em São Paulo, é a única praça de lazer da comunidade – e casa do Palmeirinha

TIME FEMININO DO PALMEIRINHA, DA FAVELA DE PARAISÓPOLIS, A MAIOR DE SÃO PAULO, REÚNE HISTÓRIAS DE SUPERAÇÃO EM MEIO À FALTA DE RECURSOS

por Sergio Quintella
fotos Alexandre Battibugli

DOMINGO É DIA DE FUTEBOL EM PARAISÓPOLIS

Tarde do último domingo de outubro com muito sol e temperatura passando dos 38 graus em Paraisópolis, na Zona Sul. Na maior favela de São Paulo, os seus mais de 100 000 habitantes têm à disposição apenas um campo de futebol e quase não há equipamentos de lazer. No lugar das arquibancadas, o gramado da Arena Palmeirinha (sim, é o nome oficial) é cercado por casas de alvenaria amontoadas e sobrepostas que formam uma espécie de cinturão de tijolos. Outro problema do bairro é o excesso de barulho. Na noite anterior, o "pancadão" na comunidade se estendeu pela madrugada e foi até o dia raiar. No chão das ruas e vielas, quilos e mais quilos de copos de plástico e garrafas espalhados dão uma mostra da quantidade de pessoas que estiveram ali para ouvir suas músicas (muitas músicas, do funk ao samba, saídas de vários equipamentos de som). A festa, que ocorre todos os sábados e não deixa ninguém dormir, reúne milhares de pessoas, muitas das quais vindas de longe, em ônibus alugados.

Para a turma do futebol amador feminino do Palmeirinha, o pancadão em véspera de jogo é proibido pela técnica Mônica Melo da Silva, de 37 anos. "Perdemos na semifinal da Libertadores da Várzea, em 2017, porque uma menina foi para a festa, outra saiu com o namorado ou namorada", conta a treinadora, que impõe algumas regras dignas de times profissionais. A linha dura tem motivo: "Muitas delas não deixam de fazer as coisas para jogar bola. Mas estou conseguindo mudar essas atitudes. A única coisa que libero é trabalho. Elas entenderam e estão se adequando". Outra preocupação da técnica é com a pontualidade. "É impressionante o que elas atrasam. Para não correr risco de deixar alguém de fora, sempre falo que o jogo é pelo menos uma hora antes, mas mesmo assim tem quem chegue em cima da partida." No último domingo (27), por exemplo, para o amistoso contra o Treze da Vila Sônia, marcado para as 16h30, o horário da chegada foi estipulado em 15h. O jogo começou às 18h. A pontualidade da várzea não é britânica.

A história do Palmeirinha, de Paraisópolis, começou em 1970. Fundado por moradores da favela – a maioria migrantes cujas famílias vieram do Nordeste uma década antes para trabalhar na construção do Estádio do Morumbi –, o time conta com diversas categorias masculinas, do fraldinha ao máster, e duas femininas: uma infantil e outra de adultas. Esta última é tocada por Mônica, filha de um dos fundadores do time, que cresceu no campo e indo a viagens. "Perdi a conta de quantas vezes deixei de ir a compromissos para torcer pelo Palmeirinha", diz. "Na minha família, muitas crianças não foram batizadas porque as mães não puderam marcar as cerimônias. Sempre havia a possibilidade de no dia ocorrer algum jogo."

A criação do time feminino adulto ocorreu há apenas três anos. Apesar da dura realidade imposta a praticamente

PARAISÓPOLIS SURGIU EM 1960, COM MIGRANTES QUE VIERAM CONSTRUIR O ESTÁDIO DO MORUMBI

Mônica Melo, treinadora do Palmeirinha, reúne as atletas para a preleção antes de uma partida amistosa

Camila Rodrigues, capitã da equipe, distribui as camisas. Ao lado, as meninas antes do jogo. A artilheira Marluce, acima, tem uma loja de churros graças a um prêmio

O PALMEIRINHA FOI FINALISTA DA TAÇA DAS FAVELAS, EM 2019, COM TRANSMISSÃO DA GLOBO

todos os times de várzea, independentemente da região, da categoria e do sexo dos jogadores – não há salário, o uniforme precisa ser devolvido ao término dos jogos e os treinamentos são muito raros –, os resultados começam a aparecer, apesar do aperto financeiro e da falta de apoio. O ápice do sucesso ocorreu em junho deste ano, quando as meninas chegaram à final da Taça das Favelas. O jogo derradeiro, disputado no Estádio do Pacaembu, contou com a presença de mais de 30000 torcedores, em uma grande festa. De Paraisópolis foram quase 30 ônibus. "Nosso motorista errou o caminho e, em vez de entrar por um portão lateral, fomos parar na Praça Charles Miller", recorda-se Mônica. "Muitas meninas, que nunca tinham sequer pisado em um estádio para torcer, viram a multidão nos saudando e começaram a chorar." A emoção exacerbada de algumas atletas é um dos motivos, segundo a treinadora, para a derrota por 2 x 0 para o Complexo Casa Verde, da Zona Norte. "Ainda sonho com aquele jogo, com a nossa chegada e até com a mudança do placar final. Ficou faltando alguma coisa."

Embora o Palmeirinha tenha perdido o jogo, que foi transmitido ao vivo pela TV Globo, o saldo foi positivo, tanto do ponto de vista de exposição quanto dos resultados posteriores. Artilheira da competição com seis gols, a atacante Marluce Silva, de 30 anos, nascida e criada em Paraisópolis, ganhou 1300 reais de prêmio, pagou uma dívida e montou uma pequena loja de churros na garagem de casa. A maior vitória, no entanto, ocorreu após uma entrevista para a TV, na qual disse sofrer de depressão e ter tentado o suicídio por três vezes. Após as declarações, ela viu seu projeto Sem Noção – uma reunião de meninas, duas vezes por semana, em uma quadra de uma escola pública do pedaço, para uma partida de futebol – se transformar em algo maior. O nome é uma provocação ao fato de ela sempre ouvir pelos campos de pelada da periferia que mulher não tem noção de como jogar bola. "No início de março, eram apenas seis meninas. Agora são 40, que vieram pela minha história. Muitas chegaram deprimidas e com vício em drogas, mas agora encontraram um lugar para conversar, praticar esporte e encontrar um rumo", afirma a conselheira-artilheira. Os treinos do Sem Noção ocorrem às segundas-feiras, das 18h30 às 20h, e às sextas, das 20h às 22h. "Não temos nenhum tipo de apoio e nossos uniformes estão ficando velhos. Mas não vamos desistir e quem sabe apareça alguém disposto a nos ajudar", sonha.

Questionada se está livre da depressão, Marluce afirma que ainda há um longo caminho a ser percorrido. "Às vezes ocorre uma crise, fico sem vontade de sair de casa, mas eu penso no projeto e me animo. E tem também o Palmeirinha, que me dá muita força. Aprendi ali que, quando eu faço um gol, ele não é só para mim, é para o time. E ajudar a equipe é a melhor motivação de todas. Ali somos uma família."

O pensamento de união do time tornou-se uma espécie de mantra entre as atletas. Capitã do Palmeirinha, a volante Camila Rodrigues, de 29 anos, não mora em Paraisópolis, mas está no time feminino desde sua fundação. No vestiário, é sua a função de distribuir as camisas das colegas que estarão no gramado. "Saio do Campo Limpo para jogar com o maior prazer do mundo", diz. A satisfação da camisa 5 é reflexo das conquistas que obteve fora das quatro linhas. Mais velha de um total de oito filhos, Camila trabalha como empregada doméstica em uma casa de luxo no Morumbi. Lá, divide a rotina com uma colega, com quem reveza os afazeres do lar. Entra às 9h e sai às 18h. Dali para a faculdade de educação física, na mesma região, onde cursa o terceiro semestre, são 30 minutos de carro, percorridos a bordo de um Fox 2004. "Fui abençoada com a faculdade, que é paga pela minha patroa. Como não tenho mais idade para jogar profissionalmente, vou me dedicar a algo relativo à preparação de atletas. Posso ser treinadora, preparadora física ou personal trainer", diz. "Gosto da criançada, da base. Elas tocam meu coração. Gosto de chegar para elas e dizer para seguirem o mesmo caminho que eu, de ficar longe das drogas".

Enquanto planeja o futuro, Camila luta para transformar uma área próxima de sua casa, no Jardim Rebouças, em um pequeno centro de esporte para a comunidade. Localizadas em cima de um piscinão sobre o córrego Olaria, as duas quadras construídas pela prefeitura há cerca de dois anos estão abandonadas. Não há iluminação e o espaço virou ponto de drogas e prostituição. "O esporte tira qualquer pessoa do mau caminho. Eu tive muitas oportunidades de fazer coisa errada, mas o esporte não deixou. Se conseguirmos apoio para reformar as quadras, imagina a quantidade de crianças que poderão ser salvas." Quem sabe dali surge um novo Palmeirinha.

© BRUNO TEIXEIRA

Momentos de vitórias: no Equador, as corintianas levantam a taça da Libertadores; e a "Locomotiva" leva a melhor no Brasileirão

AS SOBERANAS

FINALISTAS DO BRASILEIRÃO E DA LIBERTADORES, CORINTHIANS E FERROVIÁRIA TIVERAM UM ANO BRILHANTE E SÃO EXEMPLOS DE GESTÃO NO FUTEBOL FEMININO BRASILEIRO NA ATUALIDADE

colaborou Gabriela Nolasco do Jogadelas

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

A temporada de 2019 ficou marcada no futebol feminino pelo duelo entre Corinthians e Ferroviária de Araraquara, clubes que nos últimos anos vêm sendo referência no país. O Corinthians, por sua organização e investimento, e o time do interior paulista por seu trabalho mais simples, mas eficiente e de longa data. Rivais na semifinal do Paulistão, as duas equipes decidiram o Campeonato Brasileiro, com a vitória surpreendente da Locomotiva, nos pênaltis, na casa das rivais, e a Libertadores no Equador, que acabou com o bicampeonato corintiano.

Clube fundado em 1950, a Ferroviária começou seu projeto no futebol feminino em 2001, quando contou com o apoio da prefeitura local. No ano seguinte, venceu seu primeiro Paulistão. Logo depois, venceu mais três vezes a competição (em 2004, 2005 e 2013). Em 2014, ganhou a Copa do Brasil e o Brasileirão e, no ano seguinte, a Copa Libertadores. Agora, em 2019, chegou novamente à final do Brasileiro, quebrou a sequência de 34 vitórias do Corinthians e conquistou o bicampeonato nos pênaltis, no Parque São Jorge, casa do adversário. Mesmo não contando com um investimento tão expressivo, o time se destaca pela ótima gestão, investimento na categoria de base e organização, hoje nas mãos da coordenadora Ana Lorena Marche, de 34 anos, que chegou ao clube em 2017. Do time de 2019, cerca de 40% das atletas vieram das categorias de base. Além disso, nesses últimos três anos, o clube profissionalizou seu departamento de futebol feminino e tem hoje mais da metade do elenco com carteira assinada. Para dar uma ideia da importância do clube no

© TIAGO PAVINI

A Ferroviária alçando voos internacionais na Libertadores disputada no Equador: futebol desde de 2001

FERROVIÁRIA E CORINTHIANS SÃO A LINHA DE FRENTE DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL

© BRUNO TEIXEIRA

Giovanna Crivelari comemora o pirmeiro gol do Corinthians contra a Ferroviária na final brasileira da Libertadores

cenário nacional, oito jogadoras que foram para a última Copa do Mundo já tiveram passagem pela Locomotiva nos últimos anos: Aline, Andressa Alves, Bia Zaneratto, Camila, Mônica, Raquel, Tayla e Thaisa. Na seleção atual, a meia Aline Milene vem sendo convocada por Pia Sundhage. Comandada por Tatiele Silveira, gaúcha de 39 anos e ex-jogadora do Internacional, a Ferroviária conseguiu ser o primeiro time a ganhar o Brasileirão sob o comando de uma treinadora desde 2013. No time atual, destacaram-se na temporada a goleira Luciana, de 32 anos, que brilhou na decisão por pênaltis na Fazendinha, a atacante Nathane, artilheira do time no Brasileiro com sete gols e principal artilheira da Libertadores com nove gols, além da meia Aline Milene e da experiente zagueira Rosana, de 37 anos, que largou a aposentadoria para disputar a Libertadores.

No Corinthians, o início do projeto do futebol feminino é mais recente, mas cresceu demais e hoje o clube é a maior referência do país na modalidade. Em 2016, o Timão fez uma parceria com o Audax, de Osasco, e logo no ano seguinte já conseguiu um excelente resultado, conquistando a Copa Libertadores. Após o título, o Corinthians buscou sua independência e assumiu a gestão própria, já pensando na obrigação da Conmebol com a criação de um departamento de futebol feminino nos clubes que miravam disputar suas competições. Para isso, o clube colocou à frente do projeto Cris Gambaré, que trabalha há 11 anos no alvinegro com a modalidade. Com 19 pessoas em seu departamento, a diretora Cris tem autonomia para tomar decisões e conta com carta branca do presidente Andrés Sanchez. Hoje, o time feminino do Corinthians conta com médicos, preparadores físicos, psicólogo e nutricionistas próprios, além de um patrocinador exclusivo, a marca de cerveja Estrella Galicia. Uma estrutura acima de qualquer outra do país na categoria. Além disso, o clube conta com um departamento de comunicação independente do masculino nas redes sociais, ônibus próprio e até um local exclusivo para treinos e jogos. O time feminino treina no espaço do CT Joaquim Grava – o mesmo do time masculino – e manda seus jogos no Parque São Jorge, o antigo estádio do Corinthians, que passou por reformas recentes para abrigar até 5 mil pessoas. Na última Copa do Mundo, o Corinthians foi o time com mais representantes na seleção brasileira: a goleira Lelê, a zagueira Mônica Alves (que foi depois para o Madrid) e a lateral esquerda Tamires. Destaque no mundial, Tata voltou ao Brasil no início do ano e aceitou o convite do Corinthians justamente por acreditar no projeto e na estrutura, que, segundo ela, se aproxima de clubes europeus. Uma das estrelas do Corinthians na temporada, Tamires foi um dos símbolos do excelente time montado pelo técnico Arthur Elias. Aos 38 anos, o treinador, que foi campeão brasileiro com o Centro Olímpico em 2013 e levou o Corinthians a ter uma sequência de 43 jogos sem derrota (40 vitórias e três empates). Além de Tamires, o alvinegro teve como destaques nessa campanha a goleira Lelê, a zagueira Érika, as atacantes Millene – 24 anos, artilheira do Brasileirão com 19 gols e autora de mais cinco gols na Libertadores – e Gabi Nunes – 22 anos, que marcou 14 gols no ano. Exemplo de gestão, organização e resultados com seu ótimo futebol, o Corinthians vem marcando presença também com campanhas de conscientização e respeito às mulheres. Primeiro em 2018, com o "Não é não", lançado às vésperas do Dia Internacional da Mulher, com apoio, inclusive, dos jogadores do futebol masculino. Pouco depois, criou a campanha "Respeita As Minas", com a hashtag #RespeitaAsMina utilizada nas redes sociais, na camiseta dos times masculinos e até no painel de LED da Arena Corinthians.

CORINTHIANS E FERROVIÁRIA

"EU PRECISAVA SOFRER O LUTO"

A MEIO-CAMPO ROSANA, DA FERROVIÁRIA, COM PASSAGENS PELA SELEÇÃO BRASILEIRA, EUROPA E ESTADOS UNIDOS E MAIS DE SEIS EQUIPES BRASILEIRAS, LARGOU A APOSENTADORIA PARA FAZER HISTÓRIA

Rosana dos Santos Augusto é uma das mulheres mais inspiradoras no futebol. Aos 37 anos, tomou a decisão de ter um novo recomeço nos gramados após duas perdas inimagináveis. Seu pai e seu noivo faleceram em um curto período de seis meses, num duro golpe para a meio-campista da Ferroviária. Em 2 de dezembro de 2018, a atleta da seleção brasileira deixou as chuteiras de lado e apostou no extracampo, trabalhando com agenciamento de atletas femininas e masculinos. Mas após a Copa do Mundo e um convite inesperado, Rosana repensou os planos. "Eu ajudei tanto na construção da imagem do futebol feminino, e agora, que tem muito mais visibilidade, acho que ainda posso contribuir e jogar em alto nível", disse a atleta. O convite veio da treinadora Tatiele em agosto deste ano. A vaga da Ferroviária para a Libertadores surgiu após a desistência do Flamengo/Marinha para disputar os Jogos Mundiais Militares. Antes de ser o Fla, o Rio Preto tinha a vaga, mas acabou encerrando os trabalhos. A Locomotiva ficou em terceiro lugar no Brasileirão feminino no ano passado, e assim possibilitou o lugar garantido na competição. "Foi uma coincidência e um acaso."

Rosana chegou para assistir a um treino e a técnica Tatiele lhe mostrou a lista com as atletas registradas para jogar a Libertadores, onde o nome de Rosana aparecia. "Eu não parei por condições físicas, e sim por questões psicológicas. Eu estava muito cansada, perdi duas pessoas importantes na minha vida. Eu precisava sofrer aquele luto. Eu achava que era o momento de parar, mas que não haveria retorno." Mas a confiança na treinadora e o apoio de toda a equipe fez com que Rosana tomasse a decisão de participar da competição: "Eu sabia do estilo de jogo, de como ela pensa o futebol". Rosana estreou com 17 anos na seleção feminina e aos 18 foi para sua primeira Olimpíada, em 2000. Ao todo, foram 18 anos com a camisa brasileira. Rosana afirma que o futebol feminino é inspirador e motivação para a sua vida. "O melhor do futebol é a resenha, criar novas amizades, é saber das histórias de cada uma, porque sempre olhamos para nós mesmos e não observamos a história das outras pessoas. Tem meninas aqui com histórias incríveis e que inspiram, então isto eu sentia falta, ter mais inspirações ao meu lado." Com tantos anos de dedicação, Rosana é uma heroína para a modalidade e bate sempre na tecla de como a visibilidade é importante para o esporte. E finaliza: "O futebol feminino começou a decolar e não para mais. Sempre digo que é a modalidade do futuro".

© TIAGO PAVINI

A meia Rosana é referência para as mais jovens na Ferroviária por sua trajetória de superação e qualidade técnica

“JOGAR FUTEBOL ME TORNA UMA HEROÍNA PARA MEU FILHO”

© BRUNO TEIXEIRA

A talentosa lateral Tamires, uma das poucas jogadoras que conciliam a maternidade e o futebol profissional

TAMIRES, DO CORINTHIANS E DA SELEÇÃO BRASILEIRA, DESISTIU DUAS VEZES DE JOGAR, MAS BUSCOU SEUS SONHOS PARA SE TORNAR INSPIRAÇÃO PARA O FILHO

Ser mulher é ser super-heroína por si só, mas Tamires Cássia Dias Gomes é além disso. Uma das únicas mamães do futebol feminino mundial e a única mãe da seleção feminina, ela joga bola por amor, por paixão e por lição ao seu filho. “Ele poder ser feliz sendo o que quiser.” Tata, como é conhecida, começou jogando futsal em sua cidade, Caeté, em Minas Gerais. “Fui para uma escolinha de futsal e joguei por três anos. Com 15 anos, fui para São Paulo buscar oportunidade e porque a visibilidade é ainda maior.” Depois de passar do futsal para o campo no Juventus, a lateral jogou por Santos, Ferroviária, Atlético--MG e Centro Olímpico. O amor pelo futebol uniu Tamires ao marido César, que também jogou bola. “Descobri que estava grávida com 21 anos, não era tão nova, mas, como eu era atleta, essa é a fase que você está começando a ganhar experiência. Para mim, foi um baque muito grande. Era uma responsabilidade enorme. Eu pensei que o futebol tinha acabado pra mim ali”, relembra. Depois disso, ficou três anos sem jogar bola e conta que foi difícil retornar. “Corria, mas não aguentava o jogo todo.” Em 2013, surgiu uma oportunidade de seu esposo vir para São Paulo e Tamires fez um teste no Centro Olímpico, naquela que seria uma última chance. Com a equipe de São Paulo, ela foi campeã do Brasileiro e jogou a primeira vez a Libertadores. Depois, conquistou o Pan-Americano em 2014 e em 2018 pela seleção. Em 2015, a mineira recebeu uma proposta da Dinamarca, e, depois de abrir mão de muitas coisas, seu marido decidiu abandonar sua carreira de jogador e ir com ela para a Europa. Após a Copa do Mundo da França, a jogadora, então com 31 anos, decidiu voltar ao Brasil. “O momento que o futebol feminino está vivendo é mais do que especial. Hoje as pessoas estão assistindo mais, está bem mais competitivo, e ver os clubes incentivando a categoria é animador. Tive a oportunidade de criar meu filho Bernardo próximo aos meus pais”, conta Tata sobre seu retorno ao país.

Jogar competições longas ou curtas e intensas, como a Libertadores, requer muito aprendizado. “ A saudade bate todos os dias, é muito ruim ficar longe dele e da minha família. Mas eu sei que ele está em boas mãos com o meu marido.” Apesar da rotina com o futebol, Tamires diz que acompanha seu filho na escola e sempre se comunica com a professora. “Mando mensagens para saber como ele está na escola, se precisa de algo para melhorar. Ele sabe que o que estou fazendo é meu sonho, mas eu sinto muita falta dele. O que quero passar é que tem que acreditar nos sonhos dele”, afirma a atleta, que vibrou com a torcida do filho no último mundial. “Foi muito especial. Ele torcia, ficava em frente à TV assistindo aos jogos. Quando acabava a partida, eu ligava na chamada de vídeo e conversava com ele, que dizia: ‘Mãe, você foi bem!”, conta, orgulhosa.

Ser uma mamãe boleira e ver seu filho radiante de pura paixão e respirando o futebol deixa Tamires muito feliz. “Ele sempre me diz que quer ser jogador de futebol, e isso é muito gratificante pra mim”, finaliza.

CRISTIANE

A RENOVAÇÃO ME PREOCUPA

AOS 34 ANOS E DE VOLTA AO FUTEBOL BRASILEIRO, A CRAQUE CRISTIANE VÊ UMA EVOLUÇÃO DA MODALIDADE NO PAÍS, MAS ACREDITA QUE AINDA HÁ MUITO A MELHORAR. CAMISA 11 DO SÃO PAULO, A SEGUNDA MAIOR ARTILHEIRA DA SELEÇÃO COBRA UMA POSTURA DIFERENTE DA NOVA GERAÇÃO E FALA SOBRE AS DIFICULDADES ENFRENTADAS NO FUTEBOL FEMININO NESSES ÚLTIMOS ANOS

por Rodolfo Rodrigues / foto Alexandre Battibugli

Maior artilheira da história das Olimpíadas com 14 gols e duas vezes medalha de prata (2004 e 2008). Quinta maior goleadora em Copas do Mundo, com 11 gols, e vice-campeã mundial em 2007. Medalha de ouro no Pan de 2003, 2007 e 2015. Segunda maior artilheira da seleção brasileira, com 117 gols, e duas vezes eleita a terceira melhor jogadora do mundo. Esse é o cartão de visitas da centroavante Cristiane, uma das maiores atletas do futebol feminino de todos os tempos e referência para uma nova geração apaixonada pelo esporte. Aos 34 anos e de volta ao futebol brasileiro após passagens pelo PSG e pelo futebol chinês, Cris encabeçou o projeto do novo time de futebol feminino do São Paulo e termina o ano já pensando em sua quinta Olimpíada, em Tóquio, no ano que vem.

Autêntica, de forte personalidade e com uma visão autocrítica, a carismática Cristiane conta à Placar sobre as dificuldades enfrentadas em quase 20 anos de carreira. Ela discute o momento atual da modalidade no país, o machismo e o preconceito no esporte, seus planos para o futuro – e, sobre a seleção brasileira, se diz preocupada com a renovação e com a postura dessa nova geração.

Como começou sua trajetória?

Minha infância foi toda em Osasco (na Grande São Paulo), onde moro até hoje. Comecei a dar os meus primeiros chutes com 6 ou 7 anos. Brincava muito com a molecada. Recebia muitas ofensas na rua, dos vizinhos e dos colegas, mesmo. "Maria-homem", "Vai lavar louça", "Menina não tem que estar aqui jogando bola". Eu vivia de shorts e camiseta e me sentia melhor nas brincadeiras dos meninos. Achava muito mais divertido jogar bola, empinar pipa e brincar de bolinha de gude. Tentava até ter uma amizade com as meninas, mas eu vivia com os pés sujos, dedão estourado. Chegava toda pretinha, suja, e elas acabavam se afastando de mim. Era um momento difícil, mas eu não desistia. Não me recolhia. Eu chorava na hora, ficava triste e voltava a jogar. Minha mãe era contra isso, não queria me ver sofrendo. Mas acabou cedendo. Um vizinho nosso, que foi meu padrinho – e que infelizmente já faleceu –, me ajudou muito. Ele viu em mim um talento e vivia dizendo: "Por que vocês não a levam para uma escolinha de futebol?". Minha família não tinha condições. Nós morávamos no quintal da minha avó. Até o dia que minha mãe cedeu. Eu tinha 12 anos e ele pagou minha escolinha, comprou meu uniforme e minha chuteira. Eu ia a pé para os treinos, caminhava 50 minutos todo dia. Nessa época, eu nem sabia que existiam clubes de futebol feminino. Gostava mesmo era de jogar. Pouco depois, em 2000, com 14 anos, uma amiga minha, que jogava no Juventus, chamou sua treinadora, a Magali, para me ver na escolinha. Ela ficou doida e me chamou para fazer um teste lá. Eu fui, treinei com o sub-17, soçaite e futsal. Fiquei até 2002 e no ano seguinte fui para o São Bernardo. Ainda em 2003, fui medalha de ouro no Pan, com 16 anos, quando fiz o gol de ouro. Em 2004, joguei a Olimpíada, fui medalha de prata e artilheira. Foi quando estourei e fui para a Alemanha.

Foi difícil no futebol alemão?

O futebol feminino era bem avançado na Alemanha. As ligas eram organizadas. Já tinha primeira e segunda divisão, onde a estrutura era muito boa. Tinha divulgação. Fui para o melhor time da Alemanha, o Turbine Potsdam, que tinha sido campeão da Champions League da época, com dez jogadoras da seleção alemã. Era competitivo, com meninas mais experientes. Foi bem difícil. O jogo delas tinha muito contato físico. Valorizavam o toque de bola. Vim com aquela coisa de brasileiro, de ter o drible, o improviso. Era mais magrinha, rápida. E as meninas de lá eram grandonas. Então eu tive dificuldade nesse

sentido. Até cheguei a conversar com um treinador sobre isso. "Pô, você quer uma brasileira ou quer me transformar em outra alemã?". Eu fui para lá justamente porque tinha algo diferente. Além de ter começado atrasada no futebol, dizia que não conseguiria desenvolver certas coisas com 18 anos. Mas em termos de apoio, de as pessoas acompanharem, isso era muito diferente daqui. Tive medo do racismo, mas felizmente não houve nenhum episódio comigo.

Aí voltou ao Brasil...

Tive rápidas passagens pelo São José e pelo Corinthians e depois fui para o Chicago Red Stars, na liga norte-americana, em 2008. No ano seguinte, fui emprestada para o Santos, que montou um supertime, com a Marta e tudo, para jogar a primeira Libertadores. Na época, era o time que mais investia. O complicado é que a gente tinha um time forte, praticamente sem adversários à altura. Vencíamos por seis ou sete a zero... O Santos conseguiu atrair a visão de todos. Mas o futebol feminino aqui sempre teve altos e baixos. Hoje, temos outras equipes mais estruturadas. Mas, naquela época, era praticamente só o Santos.

Evoluímos nos últimos dez anos?

Acho que deu uma melhorada. Infelizmente, há lugares que fazem só por ser obrigatório. Mas tem outros que realmente abraçaram o projeto. Hoje, o clube que oferece a melhor estrutura é o Corinthians. A gente sabe que falta muito ainda, mas melhorou muito.

Em comparação ao futebol europeu, estamos muito distantes em termos de organização?

Eu acho que ainda falta bastante para chegarmos ao nível de países como Alemanha, Suécia, França, Holanda e Espanha. Lá você não tem tanto campo ruim. Os clubes, mesmo os menores, são bem organizados e estruturados. Claro que nem tudo lá também é perfeito. Joguei pelo Paris Saint-Germain contra um clube da quarta divisão num campo ruim, onde ganhamos de 20 e eu fiz sete gols. Mas não são todos os jogos. No masculino também é assim. O Campeonato Francês é muito equilibrado. A Champions, então, nem se fala. A Espanha, de quatro anos para cá, explodiu. Ninguém se importava com o futebol feminino por lá. Mas hoje eles têm um dos campeonatos mais fortes do mundo. Eles investiram na Liga, compraram a ideia da modalidade, fizeram com que as pessoas passassem a se interessar pela modalidade e não ficaram nessa coisa chata do coitadismo. Aí, tadinhas, vamos divulgar o futebol feminino. Quando o negócio é bem feito, o resultado aparece. Deu certo.

O que precisa ser feito aqui para melhorar ainda mais?

Na minha opinião, a pessoal responsável pelo futebol feminino na CBF deveria conversar com diretores de cada clube no país para cobrar um nível melhor. Precisamos ter um campeonato mais competitivo, campos melhores, emissoras transmitindo o torneio. Aumentar a visibilidade com um produto bom. Não adianta seguir com uma estrutura amadora, onde muitas vezes não há um vestiário decente para a atleta e nem mesmo um lugar para as emissoras cobrirem os jogos. Faltam mais reuniões entre essas pessoas que organizam o futebol brasileiro. Pelo que eu vejo, a Federação Paulista é a única que vem fazendo isso. Vem melhorando o campeonato a cada ano, inovando. E o resultado é que o torneio é o mais disputado do país. Precisamos também organizar o calendário, que é muito bagunçado. Isso é fato. Ele atrapalha bastante. Precisamos também ter as categorias de base nessas equipes. Enfim, não dá para tentar levar as coisas nas coxas, de qualquer jeito.

Sentiu a responsabilidade aumentar por ser um ícone no país?

Hoje as pessoas ainda cobram muito das atletas mais experientes. E não vejo essa nova geração brigando para ocupar esse espaço. Por exemplo, hoje estou no São Paulo e todas pensam que a pessoa que pode resolver todos os problemas é a Cristiane. Mas não posso fazer isso sozinha. É um esporte coletivo. A gente vem para complementar. Muitos clubes começaram o projeto este ano. O São Paulo, que jogou a Série B do Brasileiro, o Cruzeiro, o Palmeiras. São equipes que, para o ano que vem, jogando a Série A, os clubes vão começar a cobrar mais. O mal ainda é que esses clubes não têm retorno financeiro com o futebol feminino. Então é complicado.

HOJE, ACREDITO QUE O CLUBE QUE OFERECE A MELHOR ESTRUTURA DO BRASIL É O CORINTHIANS

NÓS NÃO GANHAMOS O OURO, MAS NOSSO NOME ESTÁ LÁ. GANHAMOS DUAS MEDALHAS DE PRATA E NINGUÉM VAI APAGAR

Cristiane, com sua tradicional camisa 11, foi artilheira e medalha de prata nos Jogos Olímpicos de 2004 e de 2008

Que balanço você faz da sua temporada no São Paulo?

Foi difícil porque criou-se uma expectativa muito grande e eu sofri muito com lesões. Eu praticamente não consegui jogar pelo São Paulo. Mas eu tive várias conversas com eles em relação à estrutura. Tudo bem que é o primeiro ano do projeto, que o time está na segunda divisão, mas para o ano que vem a história é outra, com o time na primeira. Eles sempre me deram liberdade para falar o que eu estava achando. E eu apontei todos os problemas e sugeri várias coisas para que o time se torne referência e tenha atletas de seleção. Levei para eles coisas que eram importantes para o crescimento e o desenvolvimento, já que percebi interesse também da parte deles. Fiz ações para o clube, mesmo machucada, que foram importantes no lado de marketing. Treinamos hoje num campo de soçaite, no clube social. Não é o ideal. Há ainda muito o que melhorar.

Há ainda muito machismo no futebol feminino?

Rolou e ainda rola um pouco. Ainda tem muitas pessoas preconceituosas e machistas. Eu vejo assim: se você não gosta, não acompanha. Você não é obrigado a ir ao estádio. Mas tem gente que parece que faz de pirraça. O cara te segue e vai lá te xingar. Eu acho que é meio contraditório. Se te faz mal, então fica na tua. Guarda a opinião para você. Mas aí eu acho que entra muito na parte da educação. A gente tem um problema muito grande com isso no país. Teve um jogo nosso, quando eu ainda estava voltando de lesão contra o Taubaté, e um cara, alterado, virou para a arquibancada e começou a me ofender. "Ei, Cristiane, sua bichada. Vai tomar no seu c...". E o chato é que nos nossos jogos a gente vê muita criança, família. Eu fiquei olhando para a cara dele sem entender. Qual é o intuito desse cara? Eu não fico desestabilizada porque já enfrentei muito disso, mas é revoltante. Nunca passei isso jogando fora. Na França, nunca vi ninguém entrar na minha rede social para falar abobrinha. Aqui, infelizmente, isso acontece muito.

O futebol é um trabalho. Vou errar, vou acertar, vou ganhar e vou perder. A gente sente falta dessa sensibilidade.

Tem muito caso de assédio também?

Já teve situações. Nunca vivi isso. Mas já vi muito caso, onde dirigente falava que a fulana teria que ganhar mais porque era mais bonitinha ou gostosinha. Queriam dar um certo privilégio para as mais bonitinhas. Acho isso péssimo.

Como mudar o pensamento machista no futebol?

Temos essa cultura de que o futebol é masculino, que é coisa só de homem. Não querem ver o contato físico no jogo feminino. A gente não joga de shortinho curto e de camisa coladinha, que é o que muita gente quer ver. Jogamos de calção maior, como os homens, já que precisamos dar carrinho, ralamos as pernas. Não é um esporte delicado aos olhos dos homens. E talvez entre isso daí. Que é uma baita de uma besteira. E muitos caras não aceitam que você sabe fazer melhor do que ele. Temos essas coisas enraizadas. Vemos esses exemplos também em outras profissões na nossa sociedade. Mas isso precisa mudar, começando com o ensino que é dado para as crianças. Mostrar para eles que menina também pode jogar.

Você se irrita com as comparações com o futebol masculino?

Não tem como comparar. Eu vejo gente falando: só vou falar que o futebol feminino é bom quando elas jogarem com eles juntos. Meu filho, não vai. Não adianta. Até os 13 anos de idade você consegue colocar menina para jogar e brincar com os meninos. Depois disso, não dá mais. Tanto é que a gente faz amistoso às vezes contra times do sub-15 ou sub-16 do masculino. A musculatura deles parece já com um homem de 30 anos. Eles são muito fortes, muito rápidos. A gente só para os meninos na porrada. Para a gente é bom porque é um jogo rápido. Você tem que pensar rápido, passar rápido. Na hora de dividir, você tem que usar mais o corpo. A gente gosta, até. Só que nunca você vai conseguir igualar. Ah, vamos diminuir o gol para a goleira. Isso é uma baita de uma cagada. Não é diminuir. A menina começou a jogar com 15 anos. Ela não teve base, um trabalho de desenvolvimento quando era criança, para chegar na fase adulta e pular igual um canguru. É tudo tardio. Eu fui saber o que era academia com 17 anos de idade.

A Rapinoe (eleita a melhor jogadora do mundo em 2019) é uma inspiração nessa batalha?

Acho que ela encabeça hoje o movimento em prol do futebol feminino. Mas é uma coisa muito dela. Acho que foi muito importante a vitória dela. Por tudo o que fez e por tudo o que apresentou. Não só por ter uma voz. Foi bacana o posicionamento e o discurso dela após ganhar o prêmio. E ainda assim vimos críticas de homens, dizendo que a lacradora só ganhou porque bateu de frente com o presidente, que o discursinho dela era chato. Pô, tá bom. Se não é interessante para você, talvez seja para outras pessoas. Mas esses caras não respeitam, não entendem.

O Brasil vai voltar a brigar por um título mundial em breve?

Acho que a Pia vai ter um trabalho grande após a Olimpíada. Torço muito para que isso aconteça. Porém, ainda sinto falta de ver meninas que se destaquem. Fiquei quase um ano sem jogar pela seleção e nesse período alguém teria que pensar assim: "Pô, a Cris está machucada e com 34 anos. Vou pegar essa camisa 9 e fazê-la comer banco depois". Mas não teve isso. Meninas dez anos mais novas do que eu, ou 20 anos mais novas do que a Formiga ou a Marta, não tiveram essa postura. Voltei depois de todo esse período e fui titular. Quando a gente era mais nova, nós brigávamos para ter oportunidades. Queria pelo menos dez minutos para mostrar alguma coisa. Tinha esse sangue no olho. Respeitava quem estava lá, mas queria minha vaga. E a gente sente falta disso hoje. Nós até falamos isso para as meninas. "Vocês têm que se matar nos treinos para ver quem vai ser titular". É inadmissível ver uma menina correr 2 km num treino e a Formiga correr 5 km. Falta esse chacoalhão nessas meninas. Então a Pia vai ter um pouco de dificuldade nesse sentido. A geração anterior vai sair e agora é com vocês. Quero ver como vocês vão jogar contra as principais seleções. É um pouco preocupante.

ESTOU FOCADA MUITO NA PRÓXIMA OLIMPÍADA, EM ESTAR DENTRO DO GRUPO. ESTOU CORRENDO ATRÁS

Cristiane estreou na Copa do Mundo de 2019 com três gols na Jamaica e depois acabou sentindo uma lesão contra a França

Mas essa geração não tem, até certo ponto, mais vantagens?

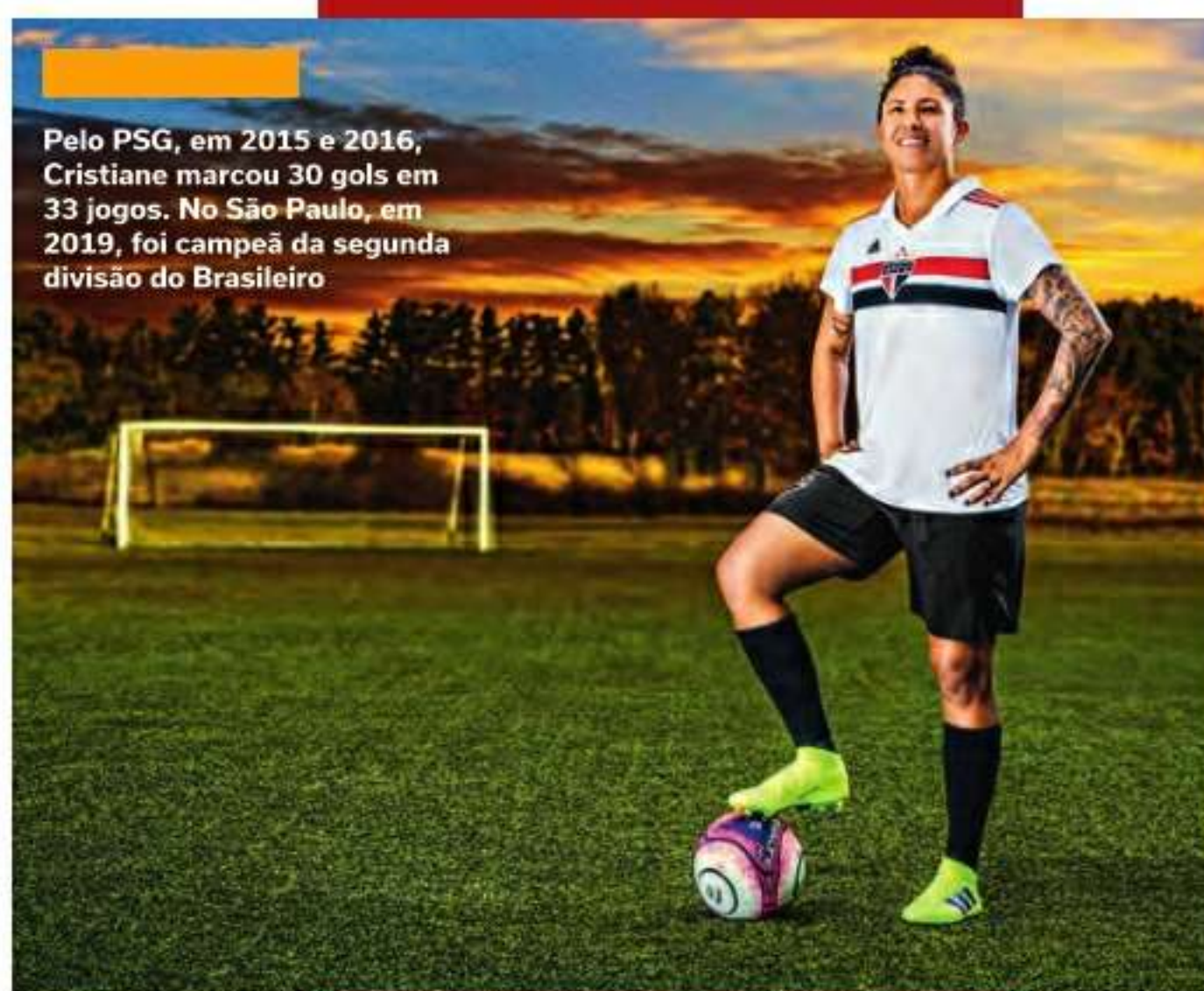
Elas têm oportunidades que não tivemos. Muita coisa está aparecendo só agora, em fim de carreira. Ações de marketing, mídia, patrocínio. Coisa que não vivi nem quando fui a terceira melhor do mundo. Nunca tive patrocínio de chuteira até este ano. Mas há uma preocupação em relação ao comportamento da nova geração. Como será a liderança delas? Tem agora o lado das redes sociais, mas, se elas não souberem usar, vai ser tornar algo contra. Elas têm facilidades e algumas meninas não dão valor. Não entendem que passamos um perrengue gigante. A geração anterior à minha também sofreu bastante. Outros países estão se renovando. A Alemanha deve ter três ou quatro meninas mais velhas. A Holanda e a França estão indo para o mesmo caminho. Os Estados Unidos renovam sempre. E minha preocupação aqui é essa. Ou podemos virar um Japão, que levou anos para conseguir título (Copa e Olimpíada), regrediu e vai ter que começar tudo de novo. Agora não tem muito o que fazer. Está muito em cima para a Pia pensar em renovação. Não dá para ser radical, porque já estamos próximo da Olimpíada.

Concordou com a chegada da treinadora sueca Pia na seleção?

Eu acho que foi bacana a chegada dela. Isso nunca aconteceu. Claro que queríamos que outras mulheres brasileiras tivessem essa oportunidade, mas acatamos e respeitamos. Trouxeram uma pessoa com experiência, com títulos e que fez um ótimo trabalho nos Estados Unidos, conquistando medalha. Foi bem na Suécia, tirando a gente de uma Olimpíada, com uma estratégia de jogo superfria e inteligente. É uma pessoa que vai agregar. Pelo que eu sei, ela vai procurar melhorar força e velocidade da nossa equipe. Na parte técnica, que é o nosso forte, ela não vai mexer.

CRISTIANE

A GENTE NÃO JOGA DE SHORTINHO CURTO E DE CAMISA COLADINHA, QUE É O QUE MUITA GENTE QUER VER

© GIOVANI PABLO

Pelo PSG, em 2015 e 2016, Cristiane marcou 30 gols em 33 jogos. No São Paulo, em 2019, foi campeã da segunda divisão do Brasileiro

© LEANDRO FONSECA

Você acha que a Emily Lima teve pouco tempo na seleção (ficou dez meses entre 2016 e 2017)?
Acho que ela poderia ter tido um tempo maior para desenvolver melhor o trabalho dela. Mas são coisas que não podemos interferir. Não houve explicação para a gente da demissão dela. Tivemos outros treinadores que perderam e não conseguiram resultados e seguiram no comando. A gente sentiu falta de ter um tempo maior, até para mostrar "olha, temos uma mulher aqui". Isso dá até a possibilidade de a gente sonhar amanhã de ser uma treinadora da seleção.

Prefere ser treinada por mulher?
Sim, é bacana ter uma treinadora que tem esse entendimento da mulher. É importante porque lutamos tanto quanto os homens. Realmente estava na hora de a gente ter esse espaço. Mas espero que, independentemente do gênero, o trabalho venha para agregar. Mas é claro que há um certo machismo. Você não vê uma treinadora no Brasileiro masculino. E no nosso mundo, que teoricamente deveria ser todo feminino, o que mais tem é homem no comando e falta de espaço para as mulheres.

Pensa em jogar a Copa de 2023?
Eu já falei que não após o Mundial de 2019. Só se a pessoa mudar muito o que eu penso em relação à próxima geração. Estou focada muito na próxima Olimpíada, em estar dentro do grupo. Estou correndo atrás. Machuquei muito, fiquei muito tempo parada, mas estou correndo atrás.

Como se vê daqui a cinco anos?
Eu ainda quero jogar mais algum tempo e paralelamente fazer alguns cursos. Penso em trabalhar com categorias de base. Não tive base, então acho bacana passar para as meninas o que eu aprendi em campo. Quero estudar e me especializar e estar dentro do futebol.

Quer ser treinadora?
Só se eu não surtar, né? Vou tentar trabalhar na gestão e ser treinadora. Mas é como a Pellê (Aline Pellegrino). Ela foi treinadora, surtou, não aguentou e foi para o lado de gestão.

Você sente falta de uma idolatria maior aqui no Brasil?
Às vezes parece que a gente tem um valor maior jogando fora. Na época do PSG, as pessoas me reconheciam mais, tinham um carinho maior. Muito, é claro, pelo que eu fiz por lá. E aqui nós sentimos falta um pouco disso. Ainda mais por todas as dificuldades que enfrentamos para jogar. Eu até brinco com as meninas das antigas: nós não ganhamos o ouro, mas nosso nome está lá. Ganhamos duas medalhas de prata e ninguém vai apagar isso. Porém, depois dessa última Copa do Mundo, que as pessoas puderam assistir aos jogos na TV aberta e viram nosso esforço, eu acho que aumentou muito o reconhecimento. Muita gente tem agora referências, e isso é importante.

Mudou o tratamento que vocês recebiam na seleção brasileira?
Hoje mudou completamente. E se não tivesse mudado, nós estaríamos brigando para mudar. Hoje não aceitamos mais caladas. Houve realmente esse problema em 2004, na época em que o René Simões era o treinador. Alguns dirigentes da CBF não deixavam a gente utilizar a academia principal e outras áreas que até então eram exclusivas da seleção masculina. Hoje toda a estrutura é oferecida para a gente também.

Como a música "Jogadeira" virou um hino da seleção na Copa?
A Cacau, nossa amiga que joga no Corinthians, trouxe a música para uma das meninas da seleção: "Passa para elas aí. Tava engavetada há tanto tempo. É época de Copa. Pessoal tá falando o tempo inteiro". Ensaiamos a música e, quando fiz o gol, me veio logo à cabeça a "música" da Cacau. Vai bater certinho com a gente. Virou um chiclete. Foi bem bacana. *[Cantando]* "Qual é, qual é, futebol não é pra mulher? Eu vou mostrar pra você, mané, joga a bola no meu pé."

Você acompanha futebol de casa?
Muito pouco. Vejo um jogo ou outro. Geralmente quando bate com um horário livre. Mas é difícil. Saio do clube às vezes às 17h, 18h, chego em casa, tomo um banho, faço o jantar e descanso. No fim de semana, quando posso, fico com a família. Lá fora, eu via mais.

Cristiano Ronaldo é o seu ídolo?
Ele o Messi são incríveis. Não tem o que falar. O Messi tem um dom natural. O Cristiano, quando era mais novo, tinha até um lado mais driblador. Hoje é mais centroavantão. Se você der espaço, ele vai bater. Eu admiro muito o Cristiano porque faz gol de falta, de cabeça, de pênalti. Não que o Messi não faça. Mas ele tem uma característica diferente. E eu gosto muito disso. De saltar, de cabecear. E ele se reinventa muito. Ele está num lugar e faz história. Ele quer sempre mais. Ele tem essa capacidade de se adaptar e continuar sempre em alto nível. Não que o Messi tenha que sair do Barcelona para provar alguma coisa. Óbvio que não. Mas seria legal vê-lo atuando na Inglaterra.

E no futebol feminino, quem você destaca hoje?
Megan Rapinoe. Joguei com ela no Chicago. Ela tem um diferencial de olhar e colocar onde quer. Tem a Marozsán, do Lyon. Gosto muito do estilo de jogo dela. É bem técnica, inteligente. Tem as nossas brasileiras, também. A Debinha está jogando pra caramba. A Marta tem esse diferencial. A Formiga, então, não tem nem o que falar. Ali é absurdo. Tamires também está jogando muito bem.

© DIVULGAÇÃO

Ana Thaís Matos, comentarista de TV Globo, que ocupa cada vez mais espaço nas coberturas de futebol e programas esportivos da emissora: destaque

VIRADA DE JOGO

PROFISSIONAIS CAPACITADAS SUPERAM PRECONCEITO, DESCONFIANÇA, MACHISMO E VALORES ENRAIZADOS NA SOCIEDADE PARA OCUPAR ESPAÇOS DE DESTAQUE NA COBERTURA DE FUTEBOL

por Tadeu Inácio

A história das mulheres na cobertura do futebol no Brasil é recente, já que, até meados da década de 1980, as participações eram raras e até marginalizadas pela legislação desportiva. Uma dura rotina para quem quisesse se aventurar. Mas era preciso desbravar. E assim fez a jornalista Regiani Ritter, em 1984, quando começou a trabalhar na cobertura do futebol. Eram outros tempos, quando os repórteres de campo tinham acesso livre aos atletas, inclusive aos vestiários.

Ela lembra que alguns valores sociais, enraizados, tinham influência no trabalho daquela geração. "O estranho é que minhas colegas de trabalho ficavam pouco tempo na função e pediam para mudar de editoria. Na época, pensava que podia ser pela maratona de trabalho, já que havia mais demandas em fins de semana e feriados. Mas não. Notei depois que nenhum namorado, marido ou filhos aguentavam longas ausências. Eram muitas viagens e trabalhando apenas com homens." Regiani fez grandes coberturas, entre elas a preparação e o tetracampeonato na Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos, e hoje, como reconhecimento por sua trajetória, nomeia uma premiação da Aceesp (Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo).

Olhares desconfiados

Desde então, as mulheres têm conquistado mais espaço na mídia, degrau a degrau. Uma delas é Paloma Tocci. Foram nove anos na imprensa esportiva, antes de migrar para o *Jornal da Band*, como âncora. A cobertura da Copa do Mundo no Brasil, aliás, foi o estopim para uma mudança de ares na carreira. "No mundial de 2014, tive a chance de trabalhar com o saudoso Ricardo Boechat. A partir daí, surgiu o convite para eu mudar para o *Jornal da Band*", conta. Depois de quatro anos na bancada do telejornal, ela, há quase seis meses, retornou às origens: o esporte. Paloma conta que viver em um meio machista ainda é a grande dificuldade. "Existem muitos olhares desconfiados. Você precisa provar que está ali para trabalhar de maneira digna. Precisei conquistar respeito nessa área, e consegui", resume.

Há quase dez anos no futebol, Gláucia Santiago, atualmente no comando do *Sportscenter*, da ESPN Brasil, reitera que o presente ainda está "longe do ideal". O preconceito e o machismo, segundo ela, são questões culturais que se mantêm vivas no mercado de trabalho. "Temos a impressão de que precisamos estar sempre mais preparadas que os colegas homens. Nossos erros pesam mais. Tem sempre aquele 'é mulher'. Estar no meio já é enfrentar e resistir a tudo isso", afirma.

Em um bate-papo promovido pelo Fut-Encontro, série de debates sobre o futebol que se realiza em São Paulo, em março deste ano, Ana Thaís Matos, comentarista da TV Globo, reforçou o discurso sobre a importância de abrir espaço para que mulheres participem de conversas em condições de igualdade com os homens. Na ocasião, o tema "A magia da seleção de 82" também foi debatido pelo ex-jogador Serginho Chulapa e pelo repórter Osmar Garraffa.

Falta de pluralidade

Após cinco anos de profissão, com passagens por Lance!, Estadão, UOL Esporte e Yahoo, a jornalista Olga Bagatini ainda busca compreender questões de gênero nessa editoria. "Me incomoda que até hoje eu nunca tenha tido uma chefe mulher." Desde a época do estágio, a jornalista buscava respostas. Até que uma matéria sobre boxe feminino rendeu um convite da ONG Think Olga para escrever um minimanual com dicas de boas práticas para uma cobertura menos sexista do esporte. Ela também produziu uma série de reportagens sobre machismo no futebol durante a Copa da Rússia. Ainda foi idealizadora da Editatona #WikiFutFeminino, em uma parceria entre Wiki Movimento Brasil e Museu do Futebol, para criar e melhorar verbetes de atletas mulheres na Wikipédia, já que menos de 25% das biografias da enciclopédia virtual são de mulheres. "O mais gratificante é hoje poder trabalhar em prol da inserção de mais mulheres em todas as áreas do esporte, seja no campo, seja com a prancheta na mão, nas arquibancadas ou nas redações esportivas". Olga ainda relata: "Eu já tive que fazer matéria sobre esporte feminino por fora, pagando o transporte do meu bolso e indo depois do expediente, porque não interessava ao jornal em que trabalhava. Já fui barrada de fazer um artigo criticando o machismo na imprensa esportiva".

Brasileira na Premier League

Natalie Gedra iniciou a carreira em 2005, ainda em uma rádio universitária. Depois de passagens por Lance!, Bandeirantes e Rádio e TV Globo, ela resolveu, em setembro de 2016, ir para a Inglaterra. "Por aqui, vejo mulheres em veículos expressivos e trabalhos reconhecidos. No Brasil, a Ana Thaís Matos e a Renata Fan são grandes exemplos. Gosto muito delas. Existem muitas profissionais inspiradoras em variados setores, como na chefia de produção, redação, retaguarda, produção e editorias. "É um longo caminho para mudar a mentalidade no meio", afirma. Pela ESPN Brasil, Natalie conta tudo sobre a Premier League – o campeonato nacional mais poderoso do mundo. Além dos jogos ao vivo, ela coleciona entrevistas exclusivas com alguns dos técnicos mais renomados do futebol atual. Entre eles, Josep Guardiola, Jürgen Klopp, Mauricio Pochettino e José Mourinho. Mas mesmo na Europa as repórteres são minoria, ainda. Natalie relata a falta de proporção e lembra uma recente coletiva de Ole Gunnar Solskjaer, treinador do Manchester United: "Éramos apenas duas mulheres, eu e outra menina norueguesa, entre 40 profissionais". O ponto positivo dessa comparação entre nações, segunda ela, é que na terra da rainha existem mulheres mais velhas na cobertura, inclusive no vídeo. E acrescenta: "No Brasil, ainda se tem a mentalidade de que a mulher precisa entregar uma certa aparência para seguir um modelo que seja agradável na tela. Envelhecer no meio esportivo é muito mais pre-

O PRECONCEITO E O MACHISMO CONTINUAM VIVOS NA COBERTURA DE FUTEBOL, MAS AVANÇAMOS

© NELSON COELHO

© DIVULGAÇÃO

Regiani Ritter é uma das pioneiras e símbolo jornalístico. Renata Fan, à esquerda, faz sucesso na Bandeirantes, com bom humor, popularidade e respeito

Alline Calandrini, ex-jogadora que virou jornalista, e Viviane Falconi, narradora do Esporte Interativo

Glaucia Santiago, da ESPN Brasil, comanda o *Sportscenter*. Olga Bagatini realiza importante trabalho pelo espaço da mulher no esporte

ENTREVISTA COM JOSÉ EMÍLIO AMBROSIO, DIRETOR DE ESPORTES DO GRUPO BANDEIRANTES

“É UM EQUÍVOCO QUE ESTÁ SENDO CORRIGIDO”

Como a Band analisa o momento da mulher na cobertura do futebol?
No Brasil, durante muito tempo, o futebol foi encarado como exclusivamente masculino. É um equívoco que está sendo corrigido. Nosso maior destaque e a mais premiada é uma mulher, a Marta. É um momento favorável. Como em outros esportes e setores da sociedade, a mulher tem obtido destaque.

Existe alguma filosofia interna para que haja uma igualdade?
Hoje, encaramos com igualdade. Um dos maiores ícones do futebol na TV é a Renata Fan. Na minha visão, o que falta são profissionais que se aperfeiçoem mais na narrativa, nos comentários etc.

Qual é a análise da emissora sobre as transmissões do futebol feminino?
É excelente. Sempre transmitimos o futebol feminino e com grandes audiências. Fomos pioneiros na transmissão da modalidade e a abraçamos. Nosso investimentos demonstram que acreditamos e os resultados recentes mostram isso.

E como se comporta a audiência?
A média por partida chega a 5 pontos no Ibope.

Quais são as próximas competições com direitos garantidos?
Temos os direitos com exclusividade das séries A1 e A2 até 2022 e preferência de renovação.

judicial para as mulheres do que para os homens. Aqui, na Inglaterra, isso não acontece tanto”.

O crescimento da participação na linha de frente na cobertura do futebol por mulheres também abriu espaço para as narradoras. Como é o caso de Viviane Falconi. Ela descobriu o talento há um ano e meio, ao participar do reality *Narradora Lays*, do Esporte Interativo. Até participar do programa, Falconi, amante do esporte, nunca havia imaginado ser narradora. A falta de oportunidades, porém, ainda é o principal obstáculo para quem opta pela carreira. “Muitas vezes o próprio meio que propaga igualdade ou algo do tipo ainda tem resistência pra abrir portas”, conta. Apesar da lentidão, ela demonstra confiança e avalia o momento como promissor. “Hoje vemos mais mulheres com espaço na narração, como a Luciana Mariano, na ESPN, a Renata Silveira, na Fox, eu e outras meninas que narram o Paulista Feminino pela TV da Federação Paulista de Futebol.

Um mundo digital, mais inclusivo e democrático

Uma grande referência jornalística atual é o site e multiplataformas Dibradoras. Roberta Nina, cofundadora, conta que o projeto Dibradoras surgiu com um propósito, pois “não nos sentíamos representadas quando líamos o conteúdo esportivo e, sobretudo, nas histórias de grandes feitos realizados por mulheres, independentemente da modalidade esportiva”. A cobertura do portal, hoje no UOL Esporte, é realizada 100% por mulheres. “Trata-se de um nicho carente e pouco explorado. Quando as mulheres escrevem, elas entendem todo o conceito de machismo e preconceito enfrentado. É diferente de quando um homem escreve. Nós todas temos histórias parecidas, com enfrentamento dentro de casa, de clubes, de confederações, de torcida de arquibancada.”

A competição na França representou um novo marco para a modalidade. Os torcedores puderam acompanhar ao vivo, em TV aberta e fechada, com grande cobertura da mídia e de variados veículos. A audiência foi recorde no Brasil e ao redor do mundo. Recentemente, a Fifa divulgou que 1,12 bilhão de espectadores assistiram à cobertura da Copa na TV e em plataformas digitais. “Há interesse, há consumo do futebol feminino entre homens e mulheres. O mundial da França despertou o interesse pela cobertura dos campeonatos locais. O público não quer saber de seleção apenas em Copa e Olimpíadas. Hoje há cobrança por parte da audiência para que haja a cobertura nacional”, analisa Roberta. O Dibradoras, por exemplo, cresceu 147% no período do mundial feminino na França, tornando-se o terceiro blog mais lido do UOL.

Perspectivas

Alinne Fanelli, repórter da Bandnews FM, crê que o mercado de imprensa passa por um momento conturbado. “Espero que, no médio prazo, haja mais oportunidades na área, porque temos visto demissões, veículos fechando e muita gente boa interessada e com vontade de trabalhar com o esporte. A maior parte das mulheres que converso deseja trabalhar na TV, mas é legal expandir o horizonte.”

Há um ano na cobertura do futebol, a ex-jogadora Alline Calandrini migrou dos campos para o microfone. E revela que sempre pensou em atuar no jornalismo. “Demorei nove anos para conseguir me formar, porque eu priorizava o futebol. Quando notei que precisava me preparar e me entregar mais ao pós-futebol, consegui focar para completar a faculdade. Fiz a transição muito bem planejada”, lembra. “Acho que, cada vez mais, a mulher ocupa espaço no jornalismo esportivo. Vejo que as vagas serão ocupadas por mulheres competentes.”

ALINE PELLEGRINO

A CAPITÃ VIROU GESTORA

ALINE PELLEGRINO, EX-ZAGUEIRA DA SELEÇÃO BRASILEIRA ENTRE 2004 E 2013, QUE USOU A BRAÇADEIRA DE CAPITÃ POR MUITOS ANOS, É HOJE DIRETORA DO FUTEBOL FEMININO NA FEDERAÇÃO PAULISTA E UMA DAS REFERÊNCIAS NO ESPORTE NO PAÍS

Como grande parte das jogadoras de sua época, Aline deu seus primeiros chutes na infância em meio a uma turma de meninos. Nascida em São Paulo e moradora do Jardim Peri, na Zona Norte da cidade, a menina só foi jogar em times femininos aos 12 anos. "Nunca quis ser jogadora de futebol. Eu gostava muito de esporte e queria ser professora de educação física. Não sabia sobre a lei que proibiu mulheres de praticar o esporte. Não sabia que a primeira seleção havia sido convocada em 1988. Não sabia que a primeira Copa tinha sido disputada em 1991. Não tinha referência. Só fui conhecer tudo muito depois", diz Aline, que contrariou seu pai no início para poder jogar. "Era uma resistência muito grande. 'Vai virar homem, sapatão. O que a vizinha vai falar? Futebol é pra homem.' Sempre ouvi muito isso. Meu pai não me deixar jogar já era um grande problema. Mas depois de um tempo ele foi me ver jogar e depois começou a ir atrás de clubes que faziam peneiras. Aos 15 anos, passei no São Paulo e seis meses depois estava atuando ao lado de Sissi, Maravilha, Kátia Cilene, Tânia e Formiga. Mas o técnico Zé Duarte me mandou para a zaga. "Pô, sou atacante, dribladora. Não quero. Vou desistir", disse Aline na época. Pouco depois, tentou seguir como atacante no Juventus e na Portuguesa e ouviu o mesmo: "Vai para a zaga". Após relutar muito, acabou forçada a aceitar a posição de zagueira em troca de uma bolsa na UniSantana – e, após ganhar uma medalha de ouro numa Universíade, se convenceu de que poderia ser uma boa zagueira. No ano seguinte, em 2004, foi indicada ao técnico René Simões para fazer parte do grupo que iria à Olimpíada. Impressionado pela altura de Aline (1,80 m), René logo a chamou para uns testes e acabou levando-a para Atenas. "Ganhei a

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

ALINE PELLEGRINO

medalha de prata como reserva e fui recepcionada aqui com caminhão de bombeiro e tudo mais", relembra Aline, que até então não estava convencida de levar adiante a carreira. Em 2005, ganhou a faixa de capitã e ainda assim via um futuro incerto. "Em 2007, passei num concurso público e tive a chance de realizar meu sonho de ser professora de educação física e finalmente ganhar um dinheirinho. Aquilo me balançou, mas acabei mesmo indo para o Pan-Americano do Rio. Ganhamos o ouro no Maracanã lotado, com 72 000 pessoas. Ali, para mim, foi a primeira grande mudança no cenário do futebol feminino no Brasil. O país olhou, pela primeira vez, independentemente da cor, da orientação sexual, se era bonita ou se era feia, as meninas do futebol. Não trouxe grandes transformações, mas 'opa, a mulher também joga futebol no Brasil. Na sequência a gente foi para a Copa do Mundo, embalada, e conseguiu chegar na final. Terminei 2007 pela primeira vez sem vontade de desistir da carreira", recorda Aline, que depois foi campeã da Libertadores feminina em 2009 ao lado de Marta e Cristiane pelo Santos. "Foram quatro ótimos anos no clube. Em 2011, depois da Copa do Mundo, fui para a Rússia. Perdi ritmo, era mais treino do que jogo, fui para a reserva da seleção na Olimpíada de Londres, em 2012". conta Aline, que a seguir, em entrevista realizada na Federação Paulista, dá mais detalhes da carreira e sua visão como dirigente de futebol.

Aline, com a camisa 4: relutou em aceitar que sua vocação era para a zaga, não para o ataque, como sonhava

Quando você decidiu entrar nessa área de gestão esportiva?

Estava com 30 anos e decidi voltar da Rússia. Nunca ganhei dinheiro na vida e o salário lá não me segurou. Resolvi voltar para o Brasil, para o calor, para ficar perto dos amigos. Joguei mais um tempinho por uma equipe do Paraná, mas decidi mesmo parar. Queria muito ser treinadora e pintou um convite do Vitória de Santo Antão, de Pernambucano. Fizemos uma campanha excelente e ganhamos o Estadual. Foi um período muito legal. Os seis meses como técnica foram melhores do que os 16 anos como atleta. Eu sempre fui uma capitã chata. Sou da bagunça, mas sempre quis organizar as coisas. E, quanto tive a chance de fazer e comandar, consegui me realizar. O problema é que tive problemas com diretor, presidente, rolou problemas de salário e decidi sair.

E por que não seguiu a carreira como treinadora?

Dei uma desanimada e comecei meu projeto de tentar ser professora de educação física. Me inscrevi em tudo quanto é site de emprego, mas não tinha experiência. Acabei pegando, por indicação, um trabalho como personal trainer. Logo depois apareceu uma vaga para ser supervisora de esportes do clube Sírio, de São Paulo. Consegui meu primeiro emprego com carteira assinada aos 33 anos, e acabei me sentindo bem realizada. Ali, juntando o salário CLT com o de personal, a grana equivalia ao que eu recebia no Santos, antes de ir para a Rússia, que era uns R$ 5 000. Uma das coisas que me fizeram aposentar como atleta, aliás, foi essa. Voltei da Rússia e os clubes me ofereciam R$ 3 mil. Eu tinha uma grande responsabilidade, seria a principal jogadora do time, e ainda assim levei muita fechada de porta na cara. Então não dava mais. No Sírio acabei trabalhando muito com parte administrativa e gestão, e isso me deu uma ótima experiência. Ganhava pouco, mas me deu um grande aprendizado. Pouco depois, fui convidada para ser supervisora do Corinthians/Audax e fiz depois um curso de gestão na Federação Paulista de Futebol. Foi onde conheci o Mauro Silva, titular da seleção no tetra, que estava começando seu trabalho lá. No ano seguinte, fiz um processo seletivo e acabei passando para ser coordenadora do futebol feminina na FPF. Foi um desafio gigantesco, mas estou aqui há três anos, agora sou diretora e o departamento está crescendo.

O que conseguiu fazer nesse período na Federação?

A Federação tem um entendimento muito bom sobre o futebol feminino. As coisas fluem, estamos inovando. A Federação entendeu a margem de crescimento do esporte e o quanto ainda tem que ser feito. Eu consigo hoje chegar na atleta, chegar no clube, no dirigente. Estou conseguindo interferir de forma positiva. Tenho tido a oportunidade de aprender bastante. Estou fazendo pós em gestão do esporte, pago pela Federação. Me sinto muito feliz aqui.

Quais são as maiores dificuldades da modalidade hoje?

O esporte amador precisa ser organizado também. Não precisa ser uma várzea, bagunçada. Essa transição do futebol feminino do amadorismo, mais estruturado, para o profissional não é tão fácil, não é tão rápida e precisa ser bem feita. Em São Paulo, temos a primeira divisão profissional com 12 clubes. Mas, para isso acontecer, temos que enquadrar a competição no estatuto do torcedor. Todo jogo você tem que cobrar ingresso, que já é um complicador por causa da demanda. Você tem que ter catraca, fiscal e tudo mais. Todas as atletas têm que ter carteira assinada. Mas nem todos conseguem. As atletas do São José são pagas pela Secretaria de Esportes da prefeitura e não pelo clube. Esse dinheiro, muitas vezes, vem de Lei de Incentivo. Então tudo isso trava o processo do profissionalismo, já que muito clubes têm essas parcerias com as Secretarias de Esportes. A Ferroviária fez muito bem esse processo de transição. Então não é tão simples. Precisamos de mais clubes nessas condições. Precisamos aumentar o número de participantes de 12 para 16. O ideal seria ter tudo isso organizado para termos um bom campeonato e poder oferecer para as emissoras, que estão querendo também. A Band quer, o SporTV quer. Precisamos de tudo isso para fazer a roda girar. Mas não é tão simples assim. E isso que estamos falando de São Paulo. Outro problema em que esbarramos atualmente é no retorno financeiro dos clubes. É preciso investir desde cedo nas categorias de base para montar boas equipes. Isso gera custo. E muitos clubes não querer arcar com isso, já que não vão ter, em muitos casos, como no masculino, a venda de atletas para pagar esse investimento. Hoje, o Brasil é o terceiro país que mais vende jogadoras para o exterior no mundo, segundo o levantamento da Fifa de 2018. Mas os valores ainda são bem menores se comparados com o futebol masculino. As atletas também estão saindo cedo e os

> **"VOLTEI DA RÚSSIA E OS CLUBES ME OFERECIAM R$3 MIL PARA JOGAR"**

Aline atuando como dirigente, premiando atleta do Palmeiras na Copa Paulista feminina 2019

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

clubes não podem fazer nada, pois não oferecem bons contratos. Não tem multa de rescisão.

Você bate muito na tecla do investimento na base, certo?

Base é base e sustenta o restante. A Federação Paulista decidiu criar um sub-17 em 2017 e tivemos uma dificuldade enorme para organizar. O nível de exigência era alto. Cobrávamos dos clubes exames médicos, infraestrutura de estádios. Tínhamos uma flexibilidade para fazer acontecer, mas ao mesmo tempo uma régua alta de corte. Aceitamos, além de clubes, outras associações esportivas não filiadas. Temos hoje uma licença especial para as equipes que só querem jogar o futebol feminino. Elas cumprem todas as exigências. Se não for assim, não conseguimos montar um campeonato. Não fosse isso, teríamos quatro participantes e olhe lá. É um problema que outras federações acabam sofrendo. Nas últimas três edições, tivemos mais equipes jogando o sub-17 do que o adulto. Mas ainda assim é bem difícil, mesmo para essas associações menores. Os clubes masculinos, geralmente, têm investidores até para essas categorias de base. E no feminino, quem investe nessas associações?

Qual o caminho para essas meninas mais novas se profissionalizaem?

Buscar um clube ou escola de futebol que jogue as competições da Federação. Ou até campeonatos organizados por outras associações. Este ano, fizemos uma ação interessante que foi fazer uma grande peneira com a presença de representantes de vários clubes. Tivemos 330 meninas inscritas: 40 conseguiram entrar no sub-17. Hoje, todos os nossos jogos do sub-17 são transmitidos pela internet. As meninas podem também fazer vídeos, divulgar, é um caminho também para poder ingressar nos clubes. De 26 atletas convocadas para a seleção brasileira sub-17 agora, 14 são de clubes que disputam o Paulista.

Dá para pensar em fazer carreira?

Acho que sim. É preciso uma orientação, uma ajuda. Ter um discernimento. Claro que não é para todo mundo. O espaço maior é para aquelas que se destacam ou que têm o talento acima da curva. Mas hoje tem menina aí com 18, 19 anos que ganha mais do que eu ganhei na vida. E acho que cada vez mais essa margem vai aumentar. A minha luta pessoal também é essa. Para que todas possam pensar em fazer uma carreira.

Melhorou o nível técnico?

Na minha época não tivemos as condições que essas meninas de hoje têm. Tecnicamente, essas meninas de hoje são muito melhores, têm inteligência de jogo, tática, e estão sendo formadas do jeito que a gente não foi. No sub-17, claro, isso ainda não é assim, mas não é um problema, já que a gente quer ainda fomentar mais. Mas estamos num outro patamar.

E quando veremos o retorno dessa mudança?

Não vai ser agora. Chegou uma nova comissão técnica na seleção para o sub-17, para o sub-20 e para a seleção adulta. Temos que deixar essa turma trabalhar no mínimo quatro anos. Em campo, nunca estamos muito longe de conseguir o resultado. Mas, quando você analisa tudo o que tem por trás, como estrutura, campeonatos, ainda estamos bem atrás. Teremos também a Copa do Mundo sub-20 no ano que vem. Acho que já com todas essas mudanças podemos pensar em chegar entre os quatro primeiros e não cair na primeira fase. Já seria um ótimo resultado. A seleção adulta pode chegar na próxima Olimpíada entre os quatro. Agora, para a seleção principal, pensar em algo grande para 2023 é ser imediatista. Dava para passar da França em 2019? Dava. Mas seria algo pontual, não sólido, já que não tínhamos uma base. Os frutos virão a partir do próximo ciclo, que se encerra em 2023.